



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB**  
**INSTITUTO DE LETRAS – IL**  
**DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS –**  
**LIP**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL**

**UM OUTRO OLHAR SOBRE O NOME EM NAHUKUÁ-KALAPÁLO,  
UMA DAS LÍNGUAS KARÍB FALADAS NO ALTO XINGU**

**BRASÍLIA**  
**2014**

# KAMAN NAHUKUA

## **UM OUTRO OLHAR SOBRE O NOME EM NAHUKUÁ-KALAPÁLO, UMA DAS LÍNGUAS KARÍB FALADAS NO ALTO XINGU**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral.

**BRASÍLIA  
2014**

**KAMAN NAHUKUA****UM OUTRO OLHAR SOBRE O NOME EM NAHUKUÁ-KALAPÁLO,  
UMA DAS LÍNGUAS KARÍB FALADAS NO ALTO XINGU**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Linguística e aprovada em sua forma final pelo Curso de Doutorado em Linguística do Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, da Universidade de Brasília.

Brasília, 26 de setembro de 2014.

---

Professora e orientadora Ana Suely Arruda Câmara Cabral, Dra. (Presidente)  
Universidade de Brasília

---

Prof. Terence Scott Kaufman, Dr. (Membro efetivo)  
University of Pittsburg

---

Profa. Cristina Fargetti, Dra. (Membro efetivo)  
Universidade Estaincl. Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

---

Profa. Rozana Reigota Naves, Dra. (Suplente)  
Universidade de Brasília

Dedico esta dissertação à minha mãe Tikugi, às minhas esposas e aos meus filhos.

## AGRADECIMENTOS

Ào cacique Yamiko Nafukuá por ter me escolhido para assumir o lugar da pessoa que foi o primeiro professor da aldeia Nafukuá, embora eu não dominasse a língua portuguesa naquela época.

À minha mãe Tikugi Matipu pelo incentivo durante meus estudos, desde que cursava o ensino médio, de forma que eu nunca desistisse de estudar.

Às minhas esposas por terem acreditado que eu conseguiria obter o título de mestre em linguística e por terem guardado os meus materiais de estudo, como as apostilas que eu recebia nos cursos dos quais eu participava duas vezes por ano.

A professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral como minha orientadora, que considero como minha segunda mãe, quem me ajudou muito para que eu desenvolvesse os meus estudos durante os dois anos de meu curso de Mestrado em Linguística.

Ao professor Aryon Rodrigues por ter iluminado o caminho dos meus estudos e por ter-me hospedando em sua casa, a pedido da Profa. Ana Suelly, e pela sua compreensão com respeito a minha pessoa.

Aos funcionários da FUNAI que contribuíram com uma declaração para que eu ingressasse na Universidade de Brasília-UnB.

Ao CNPq que me ajudou com uma bolsa de estudos durante dois anos.

Às três professoras, Maria Cristina Trocncarelli, Kátia e Estela Würker, pelo trabalho que fizeram nos cursos de formação indígena no Xingu, os quais aconteciam duas vezes por ano.

Agradeço especialmente à minha querida Suseile Andrade, grande colega de estudo que encontrei no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas-LALLI, uma pessoa maravilhosa, dedicada e que eu amo tanto na minha vida. Ela me ajudou muito desde que eu cheguei à Universidade de Brasília-UnB, emprestando-me livros de linguística para eu estudasse antes da prova de seleção de mestrado. Agradeço à Suseile carinhosamente, pois ela é uma pessoa especial para mim.

Ao meu amigo Maxwell Miranda, que sempre me apoiou nos estudos, mostrando-me seu talento de linguística.

Ao Jorge Domingues Lopes, que me ajudou muito na prática que tenho hoje sobre como lidar com computadores e programas linguísticos.

Ao sanderson que me mostrou um pouco da língua castelhana.

Ao Ariel Pheula, que tirava qualquer minha dúvida que eu tinha com respeito aos meus estudos no nosso Laboratório de Línguas e literaturas Indígenas-LALLI.

Ao colega Fábio, que me ajudou na correção dos alguns trabalhos, quando eu tinha dificuldades.

Ao meu irmão Páltu Kamaiwrá, por ter me mostrado o caminho da Universidade de Brasília-UnB e por ter ido me esperar na rodoviária, quando eu estava chegando. Eu disse “irmão”, pois, na nossa cultura, consideramos o nosso primo como se fosse irmão. Para não-indígena, já é diferente.

Ao Wary Kamaiurá, pela hospedagem, porque foi ele quem me ajudou muito quando cheguei em Brasília.

Ao meu irmão Makaulaka Mehinako, por ter me orientado nos meus estudos durante dois anos.

Agradeço a todos os demais colegas que estudaram ou estudam comigo no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas: Nanblá Xokleng, Mauro Luiz Carvalho Guarani, Joaquim Kaxinawá, Chandra e Gabriel.

## RESUMO

Esta dissertação apresenta os resultados de uma investigação sobre os nomes na língua Nafukuá-Kalapálo, pertencente à família Karib e falada no Alto Xingu (Parque Indígena do Xingu). No presente trabalho focamos nossa atenção na classe dos nomes, na sua formação e na função de cada um dos seus elementos constituintes. Mostramos que os nomes em Nafukuá-Kalapálo podem ser classificados em duas classes maiores - a dos relativos e a dos absolutos -, em função da natureza dos seus respectivos referentes. A primeira classe é composta de nomes relativos, os quais requerem um determinante, como são os casos de referentes de termos de parentesco e aqueles que denotam a parte de um todo – partes do corpo humano, dos animais, das plantas, entre outros. Uma segunda classificação dos nomes da língua Nafukuá-Kalapálo é aquela entre os nomes de referentes contáveis e os de referentes não contáveis, uma distinção que se concretiza formalmente pela combinação dos nomes de referentes contáveis com marcas de coletivo. Descrevemos as estratégias usadas para expressão das noções de atenuação e intensificação e do estado de existência dos referentes dos nomes. Por fim, apresentamos uma descrição dos sistemas de classificadores presentes na língua, o que torna essa língua distinta de outras línguas Karib do estado do Mato-Grosso e de outras áreas geográficas.

Palavras-chave: Língua Nafukuá-Kalapálo, Família Karib, A estrutura interna dos nomes, Significado dos elementos formativos, Classes semânticas de nomes.

## ABSTRACT

This dissertation investigates nouns in Nafukuá-Kalapálo, a Karíib language spoken in Xingu Indigenous Reservation. We had focused on the internal structure of nouns and its formatives. The first broad distinction among nouns is based on the nature of their referents – relatives and absolutes –, the former comprising mostly kinship terms and nouns denoting parts of wholes, like body parts, parts of plants, part of animals, among others.

A second partition of the class of nouns divides countable and non-countable or mass nouns. Countable nouns are distinguished by the possibility of occurring with collective markers; we also describe the strategies used to express the notions of attenuation and intensification, and actual, retrospective and prospective state of nouns. Finally, we present a description of the main ways the Nafukuá-Kalapálo language classifies semantically the referents of nouns.

**Keywords:** Nafukuá-Kalapálo language, Karíibian Family, The internal structures of nouns, The meaning of formative elements, Semantic classes of nouns.

**LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

ABL	–	Ablativo
ASPEC. PONT	–	Aspecto Pontual
ASPEC. PONT	–	Aspecto Pontual
ASS	–	Assossiativo
CL	–	Classificador
CL.ARQ	–	Classificador para objetos de forma arqueada
CL.PEL	–	Classificador para objetos de forma capilar
CL.PERT	–	Classificador para pertencimento
CL.CIR	–	Classificador para objetos de forma circular
COL	–	Coletivo
DIM	–	Diminutivo
ERG	–	Ergativo
F.ABS	–	Forma absoluta
F.GEN	–	Forma genérica
ISTR	–	Instrumentivo
INV	–	Invólucro
ISA	–	Instituto Socio Ambiental
LIQ	–	Líquido
LOC	–	Locativo
LP	–	Locativo pontual
NOM	–	Nominativo

PERF	–	Perfectivo
PERL	–	Perlativo
PERS	–	Personificador
PONT	–	Pontual
PROJ	–	Projetivo
1	–	Primeira pessoa
2	–	Segunda pessoa
3	–	Terceira pessoa
13	–	Primeira pessoa do plural exclusiva
12(3)	–	Primeira pessoa do plural inclusiva

## SUMÁRIO

<b>AGRADECIMENTOS</b> .....	<b>4</b>
<b>RESUMO</b> .....	<b>6</b>
<b>ABSTRACT</b> .....	<b>7</b>
<b>LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS</b> .....	<b>8</b>
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA DOS POVOS NAFUKUÁ-KALAPÁLO E MATIPU ANTES E DEPOIS DO CONTATO COM OS NÃO-ÍNDIOS</b> .....	<b>13</b>
<b>1.1 Os NAFUKUÁ-KALAPÁLO</b> .....	13
<b>1.2 COSMOVISÃO DO POVO NAFUKUÁ-KALAPÁLO</b> .....	23
1.2.1 <i>Estilo da Vida Nafukuá-Kalapálo</i> .....	23
1.2.2 <i>Sociedade Nafukuá-Kalapálo</i> .....	25
1.2.3 <i>Artesanato Nafukuá-Kalapálo</i> .....	29
1.2.4 <i>Sobre a Contagem</i> .....	29
<b>1.3 SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE KAMAN</b> .....	33
<b>CAPÍTULO 2 - O NOME EM NAFUKUÁ-KALAPÁLO</b> .....	<b>49</b>
<b>2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS</b> .....	49
<b>2.2 NOMES COM REFERENTES RELATIVOS E ABSOLUTOS</b> .....	50
<b>2.3 NOMES PASSÍVEIS DE SEREM DETERMINADOS</b> .....	67
<b>2.4 NOMES ABSOLUTOS</b> .....	69
<b>2.5 NOMES ABSOLUTOS MEDIATIZÁVEIS</b> .....	74
<b>2.6 ATENUAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DOS REFERENTES DOS NOMES</b> .....	75
<b>2.7 ESTADO DE EXISTÊNCIA DOS REFERENTES DOS NOMES</b> .....	78
<b>CAPÍTULO 3 - CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM NAFUKUÁ-KALAPÁLO</b> .....	<b>81</b>
<b>3.1 CLASSIFICADORES DE NOMES EM CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS</b> .....	81
<b>3.2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	110
<b>3.3 OS CLASSIFICADORES NAFUKUÁ-KALAPÁLO E A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA</b> .....	114
<b>CAPÍTULO 4 – SUFIXOS ADVERBIAIS</b> .....	<b>116</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>120</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>121</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação trata dos nomes na língua Nafukuá-Kalapálo, uma das três línguas indígenas da família Karíb faladas no estado do Mato Grosso. O Nafukuá-Kalapálo e o Matipú-Kuirúro são faladas no Alto-Xingu e o Ikpéng no Médio Xingu. Ao elegermos o tema ‘Nomes em Nafukuá-Kalapálo’, nossa preocupação foi a de focalizar a suas respectivas estruturas, demonstrar como eles são formados, destacar sua segmentação e definir a função e descrever a ordem dos seus elementos constituintes. Trata-se de um estudo pensado em função das necessidades dos professores e pesquisadores indígenas falantes nativos dessa língua, que têm-se dedicado ao ensino de sua língua nativa nas escolas das aldeias.

Delimitamos o tema esta dissertação cientes de que este estudo é apenas o início de uma pesquisa mais profunda que realizaremos com vistas à elaboração de uma gramática de referência do Nafukuá-Kalapálo. O estudo deverá atender principalmente às necessidades de programas de formação de professores pesquisadores indígenas dos quais fazem parte estudantes falantes nativos da língua.

Os dados que reunimos ao longo dos dois últimos constituem o banco de dados do LALLI e será ampliado, a medida que evoluímos na pesquisa e descrição da língua.

Neste estudo, adotamos procedimentos descritivos fundados em contrastes, em critérios distribucionais e de exclusão mútua de elementos que expressam categorias da mesma natureza. Consideramos a noção de paradigma, como conjunto em que elementos se agrupam compartilhando traços funcionais e distribucionais. Partimos do princípio de que língua e cultura são intrinsecamente realcionadas e que uma língua reflete traços fundamentais da cultura do povo que a fala. Esta ideia encontra-se plenamente expressa nos dados que descrevemos da língua Nafukuá-Kalapálo.

O presente estudo beneficiou-se dos trabalhos de Rodrigues e dos pesquisadores do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas sobre as expressões de nomes com referentes relativos e absolutos (cf. Rodrigues 1996, 2001, 2010; Solano 2009; Silva 2010; Corrêa da Silva 2011; Cabral 1999, 2000; Cabral et al 2012). Adotamos também a noção de estado de existência dos referentes de nomes (cf. RODRIGUES, 1996; RODRIGUES E CABRAL, 2012).

Muito importante para o estudo sobre nomes em Nafukuá foram os artigos sobre classificadores de autoria de Grinevald (200, 2002 ) e de Grinevald e Seifart (2004). O presente estudo considerou também os estudos sobre línguas Karíb, principalmente Pachêco (2001 ), Meira (1999), Derbishire (1999), Santos (2007), Franchetto (1990), Hawkins (1962).

Esta dissertação encontra-se assim organizada: o Capítulo I reúne elementos da História dos povos Nafukuá-Kalapálo e Matipu-Kuikúro, antes e depois do contato com os não-índios. O Capítulo 2 aborda o nome em nafukuá-Kalapálo, com foco especial na sua divisão em nomes relativos e absolutos e em parte de sua morfologia. o Capítulo 3 é dedicado à descrição da classificação nominal nessa língua, uma contribuição importante aos estudos das línguas Karíb xinguanas, por constituir uma traço fundamental a diferenciar o Nafukuá-Kalapálo do Matipu-Kuikúro. No Capítulo 4 apresentamos uma breve descrição dos demonstrativos e sufixos adverbiais do Nafukuá-Kalapálo. Esse capítulo é seguido de uma conclusão e das as referências bibliográficas utilizadas no presente estudo.

## **CAPÍTULO 1 - HISTÓRIA DOS POVOS NAFUKUÁ-KALAPÁLO E MATIPU ANTES E DEPOIS DO CONTATO COM OS NÃO-ÍNDIOS**

### **1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Neste capítulo apresentamos algumas considerações sobre o povo *Nafukuá-Kalapálo*, pondo em evidência o que dizem os antigos sobre a história do povo, assim como discorreremos sobre aspectos de sua organização social e conhecimentos tradicionais.

Nosso objetivo é situar o povo *Nafukuá-Kalapálo* segundo a visão desse povo.

#### **1.1 OS NAFUKUÁ-KALAPÁLO**

Os povos *Nafukuá-Kalapálo* e *Matipu* são povos irmãos que habitam a Terra Indígena do Xingu (Parque Indígena do Xingu), no Alto Xingu, localizada ao leste do rio Kuluene, Estado de Mato Grosso. A língua desses povos pertence à família linguística Karib e sua população é estimada em cerca de 660 indivíduos, isto é, 385 *Kalapálo* (ISA 2011), 126 *Nafukuá* (ISA 2011) e 149 *Matipu* (ISA 2011).

O Parque Indígena do Xingu ocupa uma área de 2,8 milhões de hectares (ISA 2011), onde existem outros povos, cujas línguas são diferentes umas das outras, como, *Waurá*, *Yawalapiti*, *Mehinako*, *Aweti*, *Kuikuro*, *Kamayurá*, *Trumai*, *Ikpeng*, *Kayabi*, *Suiá*, *Juruna*, etc. Karl Von Den Steinen em 1884 e 1887, Hermann Meyer em 1896 e 1898, major Ramiro Noronha em 1920, Vincent Petruzzo em 1931, Max Schmidt 1901 e 1926 (ISA, 2011) e vários outros realizaram grandes percursos no Xingu no tempo passado.

Segundo Costa (2008), os ancestrais dos *Kalapálo* saíram das Guianas depois de 1750, mas, atualmente esses povos – *Nafukuá-Kalapálo* e *Matipu* - não sabem mais contar o início da viagem que os seus antepassados fizeram das Guianas para o Brasil, nesse período. Pode ser que os mais velhos que sabiam destas histórias já faleceram. Entretanto, é sempre contada a mudança que fizeram da lagoa chamada Tahununu (conhecida como Itavununu).

Mapa 1 – lagoa Tahununu



Fonte: Disponível em

<https://www.google.com.br/maps/@-12.3826214,-53.1410883,58757m/data=!3m1!1e3>

Nos dias atuais, os *Kalapálo* contam histórias quando há algumas atividades coletivas, como, por exemplo, construções de casas, ajuda na abertura de roçada e quando os homens se juntam no pátio da aldeia para conversar. Quando estão no centro da aldeia, é costume do povo contar histórias do passado.

Segundo um ancião *Kalapálo*, o povo *Kalapálo* e outros povos habitavam ao redor do *Tahununu ipa* (lagoa), localizada à margem direita do rio Kuluene. Segundo essa narrativa, esse lugar foi a primeira moradia dos povos *Nafukuá-Kalapálo* e *Matipu*, *Kamayurá* e vários outros. Nessa época existia um guerreiro chamado *Tamakahi*, que defendia os povos. Ele era mestiço, pois por parte de mãe era *Kamayurá* e por parte do pai era *Matipu* (possivelmente *Uagihyty*<sup>1</sup>). *Tamakahi* era mestre de arco. Ele defendia todos os povos que moravam naquele lugar dos inimigos *ngikogo* (quaisquer índios).

Os povos contam que *Agamani Kalapálo*, que foi o grande chefe do povo *Kalapálo* naquela época, na aldeia “*Agahahyty*” (lugar que tem bastante espécie de peixe bicudo) - *Agaha* (espécie de peixe bicudo) + *hutu* (lugar de bastante). *Agahahyty* era, portanto, o nome da aldeia do antigo *Kalapálo*. Nesse período, ainda não existia o termo “*Kalapálo*”. Contudo, ninguém sabia qual era a autodenominação desse povo e pode ser que estavam se referindo aos “*Agahahyty otomo*”, (pessoas do *Agahahyty*), pois não se sabe exatamente em que ano

---

<sup>1</sup> *Uagihyty*, *uagi* ‘jatobá’ + *-hyty* ‘lugar em que ocorre em abundância’, isto é, lugar com muitos Jatobás.

que foi. Todavia, os povos *Kalapálo* ainda contam bem direito suas trajetórias e seus percursos. Dizem que entorno dessa gigante lagoa, tinha diversos povos, onde surgiram os cantos ‘*tolo*’ (os cantos das mulheres). Nesse período, *Kalapálo* e *Kuikuro* moravam separados e ficavam sendo somente vizinhos. Diante dessa aproximação, eles entendiam suas línguas facilmente.

O ancião Ageu *Kalapálo* explica que o povo *Kalapálo* é um povo distinto, ou seja, não deve ser confundido com o povo *Kuikuro*. Disse ele em comunicação pessoal: “*Kuikuro* não é divisão que aconteceu *Kalapálo*. Somos um povo e o *Kuikuro* é o outro povo. Porque a língua não é muito parecida”.

Quando o mestre de arco *Tamakahi* foi derrotado e morto pelos índios bravos, os povos ficaram com medo de permanecer nesse local, tiveram que mudar para *Amagy*, (significa terra macia ou mole). *Amagy* foi a segunda aldeia do *Kalapálo* antigo, onde *Jukagi* foi cacique. Essa aldeia estava localizada próximo ao rio Buriti.

Posteriormente, aparece na história um homem chamado *Temetihy*. Como ele não cansava de andar, o povo lhe deu o apelido *Temetihy* (seria anta). Que é um amálgama do *Mehinako téme* ‘anta’ e *tihy* da língua Karib *Kalapálo*. Na realidade, o nome desse homem era *Makala*. Foi ele quem encontrou *Kuapygy* primeiro. Depois ele foi acusado pelo povo, quando puseram feitiço para ter pernilongo na aldeia *Amagy*. Por esse motivo, ele foi procurar uma nova aldeia e encontrou um lindo lugar chamado *Kuapygy*, onde não há pernilongo. O termo *Kuapygy* vem da palavra *kua*, nome da uma planta que fica na beira do rio. Essa planta não possui nome em português. Ela é espécie de buriti. É uma planta pequena. O termo “*pygy*” significa ‘bastante’. Como nesse local tinha muitas *kua*, foi denominado “*kuapygy*” (lugar de bastante *kua*

O povo é conhecido conforme *Kahunuma* escolheu o nome do lugar deles, desde o início da descoberta do *Kuapygy*.

Nessa narrativa, dizem que *ele* era casado com o monstro do mato que, na língua *Kalapálo*, se chama *Nháhygy*. Na visão do pajé, dizem que esse monstro parecia mulher de verdade. Ela que levava *ele*, seu marido, para alguns lugares desconhecidos. Como todo mundo sabia que ele era casado com ela, *Temetihy* com cacique *Jukagi* foram falar com ele para saber se era verdade que ele estava com o monstro que entende quase tudo.

Então o chamou e perguntou tudo o que ele havia visto em alguns lugares. Respondeu que sim. Apontou na direção do *Kuapygy*. Mas antes, *Kahunuma* com sua esposa foram para marcar o lugar com alguma coisa, para ficar fácil para *Temetihy* quando ele fosse ver essa região. Depois de alguns dias, *Temetihy* foi sozinho pela mata densa lembrando que *Kahunuma* tinha apontado bem em direção do *Kuapygy*. Quando encontrou a marca que *Kahunuma* fez, ele ficou contente e viu um lindo igarapé, chamado *Hotogi*. Não há uma tradução adequada em Português para esse nome. Era nesse igarapé que o povo tomava banho, quando *Temetihy* fundou nova aldeia chamada *Kuapygy*. Depois que ele abriu essa aldeia, as outras pessoas foram atrás dele para morar lá, pois gostaram muito desse lugar e abandonaram *Amagy*. Na sequência, depois que a população aumentou, o povo resolveu se separar para a outra margem do rio que se chama *Ahataga Logogu*. *Ahataga* é uma espécie de veado e *Logogu* é o pátio dessa espécie de veado ou eu habitat.

Foi a partir daí que surgiu o termo “*Kalapálo*”. Por meio dos que realizaram o contato pela primeira vez com os *Kalapálo*, como Karl von den Steinen ou senão outros, como, Hermann Meyer, em 1896 e 1898, o major Ramiro Noronha, em 1920, Vincent Petrullo em 1931, Max Schmidt 1901 e 1926 (ISA 2011).

Nesse período, as casas deles eram encostadas nas outras casas. Quando faziam algumas festas, como *takuaga* (*takuara*), *duhe* (*tawarawana*) e outras, sob as normas do costume do povo, o dono da festa oferece comida, como pirão de peixe com beiju, mingau de pequi e de mandioca, entre outros. O divisor dividia para cada pessoa, entretanto, não dava para todo mundo. Diante dessa situação, pensaram em fazer a divisão para morar na outra margem do rio. O nome do rio é *Hotogi*, como citei anteriormente. Lá, eles tomavam o banho.

Depois que eles fizeram a separação para o outro lado, os não-índios chegaram à aldeia *Kuapygy* e havia um povo *Wauja* (*Waurá*) com eles. Como no início do contato, o *Wauja* ainda não sabia falar português, se comunicava gesticulando na direção da outra margem do rio, falando em sua língua “*kalapalú*” (que significa a outra margem do rio). No momento da informação, os não-índios pensaram que era o nome do povo. Mas ele estava informando que tinham mais os restos no outro lado do rio. Na realidade, o povo denomina o lugar como *Ahataga logogu* (pátio da espécie do veado). Mas os não-índios registraram *KALAPÁLO*, que foi o termo que permaneceu e que se tornou conhecido. Mas o povo se

autodenomina tendo como referência os lugares onde habita. É assim exatamente a história do povo *Kalapálo*.

Depois da aldeia *Kuapygy*, o povo foi para *Kunugijahyty* (nome da planta nativa que possui um metro de altura, mas não há um nome em Português para ela) de *Kunugija* ‘planta nativa’ e *hyty* ‘lugar onde há em abundância’. De lá, os povos *Amagy*, *Kuapygy*, *Ahataga*, *Logogu*, *Angaguhyty*, *Kunugijahyty* (*Kalapálo*) foram para o lugar chamado *Aaifa* ou *Aaiha*, na margem direita do rio K, uluene, depois de criação do Parque Indígena do Xingu pelos irmãos Villas Bôas, em 1961 (COSTA, 2008), onde eles habitam hoje em dia.

Mapa 2 – Lago Aaifa ou Aaiha



Fonte: Disponível em: <HTTPS://www.Google.Com.Br/Maps/@-12.3826214,-53.1410883,58757m/Data=!3m1!1E3>

*Aaifa* ou *Aaiha* é o nome da onça. Porque a onça é a dona do lugar. Portanto, na visão ou sonho do pajé, a onça se chamou “*Aaifa*”. Por isso o povo designou esse lugar *Aaifa* ou *Aaiha*. Naturalmente, nós chamamos onça na língua de “*ekege*”. Às vezes os pesquisadores confundem a nossa língua. Por exemplo, confundem *Aaiha* com *aiha*. Como expliquei acima, *Aaiha* é o nome da onça e agora o termo “*aiha*” significa *enfim* ou *pronto*. Para escrever o nome da aldeia, são necessários dos *a(s)* iniciais “*Aaifa* ou *Aaiha*”. Há dois modos de escrever: com uma fricativa labiodental surda [f] e outra com uma fricativa glotal surda [h].

Também, um dos *Kalapálo* abriu uma aldeia no lugar chamado *Angaguhyty* ‘lugar de bastante peixe tuvira’.

Na minha pesquisa, os *Kalapálo* mais velhos me falaram que eram os nomes das aldeias antigas as autodenominações do povo *Kalapálo*, quando ainda não existia termo “*Kalapálo*”: *Agahahyty*, *Amagy*, *Akuku*, *Kuapygy*, *Ahataga Logogu*, *Kunugijahyty*, *Angaguhyty*, *Angampyty*, *Apangakigi*, *Kahintsu*. Eram todos povos *Kalapálo* que moravam nessas aldeias. Eles se autodenominavam a depender do lugar de pertencimento. Para eles entenderem bem entre si, falavam *Agahahyty otomo*, *Kuapygy otomo*, *Kunugijahyty otomo*, *Amagy otomo*, *Angampyty otomo* e tudo mais. Essa expressão significa o pessoal de tal lugar. Portanto, o povo se autodenominava assim antes do contato com os não-índios.

Como *kagaiha* ‘branco’, não conseguia pronunciar a nossa língua, escrevia de qualquer jeito. Registraram *Kalapálo* (*Akuku*, *Kunugijahyty*, *Kuapygy*, *Angaguhyty*, etc.), *Kuikuro* (*kuhi ikugu*), *Matipu* (*Uagihyty*), *Nafukuá* (*Angahukogo*, *Jagamy*) *Yawalapiti*, *Mehinako* (*Jehinaku*), *Aweti* (*Awynty*), *Waurá* (*Wauja*), *Kamayurá* (*Apyap*), etc. Era assim a denominação original desses povos antes da conquista.

Segundo um ancião *Kalapálo*, antes do contato com os não-índios, o povo se autodenominava *Jagamy*, isso era antes das mudanças, agora esse povo é conhecido como *Kalapálo*. Depois foram mudando para outros lugares, abrindo novas aldeias, de acordo com o conhecimento que o povo tem de sua origem e expansão.

Quando perguntei à respeito dos nomes do passado à minha mãe, ela me explicou assim:

**Kaman Nahukua:**

*“Mãe! Conte-me um pouco sobre a história do nosso povo! Qual o motivo da divisão?”*

**Tikugi Uagihyty (Matipu):**

*“Sim filho! O seu avô me contava! Disse que não dava para todo mundo morar por ali, onde nós habitávamos. Pois tinha muita gente nessa aldeia Oti (campo), localizada na margem esquerda do rio buriti. Quando eles dividiam algo, como peixe e outros alimentos consumidos pelo povo no pátio da aldeia, não dava para todo mundo receber. Algumas pessoas ficavam sem alimento. No entanto, um deles chamado Mahukaja Uagihyty (Matipu), pensou em procurar nova aldeia na outra margem do rio. Encontrou um lugar chamado Atyka. Mas não há tradução para português. Começou denominação do povo, onde tem lagoa grande. Depois do passar do tempo, outras pessoas foram morar com ele e assim a*

população aumentou. Foi o pessoal do Oti que foi para lá. Depois de alguns tempos, eles foram bem próximo da lagoa. E viram montes de kuhi (espécie de peixe bicuda bem pequena que fica na superfície da água). Daí o chamou kuhi ikugu (lugar de kuhi ou lagoa do kuhi). Especialmente “mingau de kuhi”. É assim que kuhi ikugu surgiu, mas registraram como Kuikuro. Contudo, na verdade, na língua do Kuikuro é kuhi ikugu. Ficou assim até agora. Alguns dias depois, eles também os denominaram de “Lahatua”. Dizem que lá tinha um pé de pequi bem grande que eles chamavam de “Lahatua”. Mas não sei por que eles chamavam assim. É assim seu avô me contava quando eu era criança. Ele sempre me contava esta história do povo que se dividia no tempo passado. No decorrer do tempo, as línguas foram se modificando. Por isso eu falo da mesma forma da língua Kuikuro, porque o meu povo que foi para lá. Ah, seu avô dizia também, sobre Jagamy que foi a mesma forma. Se dividiram também, depois se denominaram como Akuku, Kunugijahyty (Kalapálo), é a família do Jagamy (Nafukuá). Depois os povos não se dão bem e fala mal da própria família. Eles pensam que é outro povo, mas ‘ea mesma etnia. Pois eles não entendem bem o que aconteceu muito tempo atrás. Pois é, meu filho! É assim que seu avô contava pra mim. Depois Uagihyty foi diminuindo, diminuindo e por causa disso, nós fomos misturando com os outros povos como Nafukuá/Kalapálo. Eu devia ter morado na aldeia Kuikuro, junto com meu povo verdadeiro. Eu estou aqui morando na aldeia Nafukuá, muito triste, pensando muito, porque eu sou Uagihyty (Matipu) verdadeira. Pode escrever e registrar tudo que eu falei, para quem vai ler depois saber ou entender bem melhor esta história do meu povo”.

**Kaman Nahukua:**

“Ama (mãe)! Eu já sei significado do oti. Mas, eu quero saber agora, o que significa Uagihyty?

**Tikugi Uagihyty (Matipu):**

“Uagihyty, quer dizer “lá têm montes de pés de jatobá”. Por isso o povo o designou Uagihyty. Portanto, uagi ‘jatobá’, hyty ‘lugar onde há em abundância’. Mas primeira aldeia chamada Oti. De lá nós mudamos para Akugi Embipe, significa “a casca de qualquer fruta que a cutia deixou”. Akugi ‘cutia’, embipe ‘ex-casca’.

Lá, eu comecei a entender bem o que era o mundo. Na aldeia Akugi Embipe. Depois do Akugi Embipe, a gente mudou para esse Uagihyty. A última aldeia foi Atatehengo (inclinado).

De lá, irmãos Villas Boas nos trouxeram pra cá, por isso hoje em dia estamos aqui bem perto dos outros, para ficar bem perto do posto de saúde”.

**Kaman:**

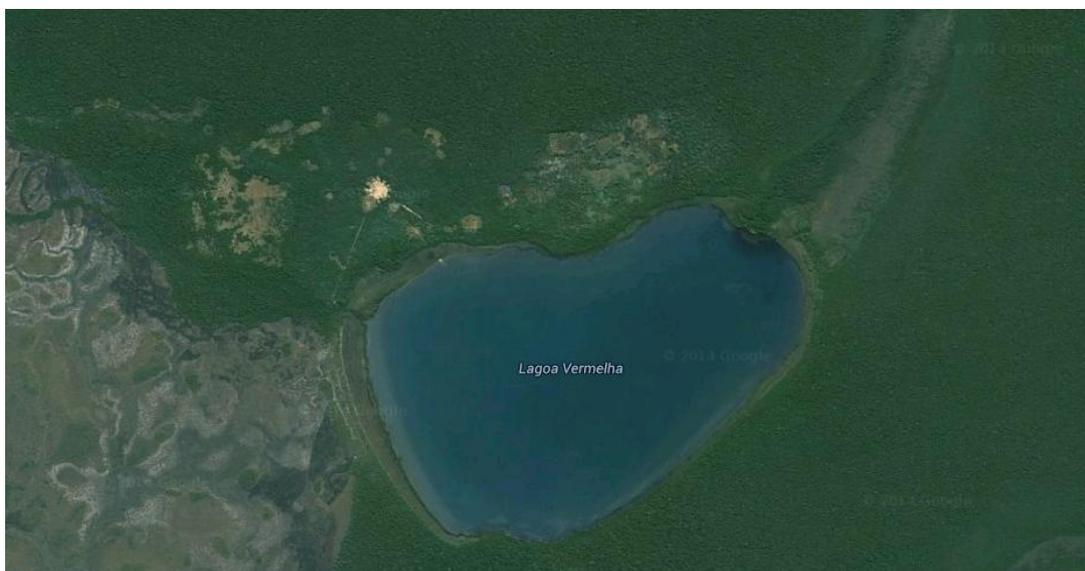
“Era isso que eu queria saber com você mãe”

**Tikugi:**

“Aingo hegei (está bem).

Atualmente, os povos *Kalapálo* se estendem por 7 aldeias, ou seja, aldeia central chamada *Aaiha* ‘onça’ fica a leste, na margem direita do rio Kuluene, *Tanguro* (*Kalapálo*) se localiza ao sudeste, à margem direita do hankuinga (Kuluene), aldeia Pedra (*Kalapálo*), aldeia Lago Azul (*Kalapálo*) e aldeia Kuluene (*Kalapálo*) se localizam ao sudeste, na margem direita do rio Kuluene. Aldeia *Barranco Queimado* (*Kalapálo*) e aldeia *Caramujo* (*Kalapálo*), ficam a sudoeste na esquerda do rio Kuluene. Além dessas aldeias, o *Uagihyty* (*Matipu*) e *Jagamy* (*Nafukuá*) se localizam à leste, na margem direita do rio Kuluene, e ficam bem perto da aldeia *Aaiha*. Atualmente, a aldeia *Nafukuá* (*Jagamy*) está localizada no lugar chamado *Magijape* na língua nativa, oficialmente *mariwahe* na língua Kamayurá. *Mariwahe* é nome do bicho da água, que vive nessa lagoa.

Mapa 3 – lagoa Nafukuá (Magijape)



Fonte: Disponível em

<https://www.google.com.br/maps/@-12.3826214,-53.1410883,58757m/data=!3m1!1e3>

O bicho enorme que o antepassado Kamayurá já contava sobre ele. A aldeia *Matipu* (*Uagihyty*) fica no local chamado *Angahynga* ‘lugar de bastante ave’, chamado de rei-congo (*kyngyã*):

Foto 1 – ave rei-congo



Fonte: Disponível em

[https://www.google.com.br/search?q=reicongo&oq=rei&aqs=chrome.2.69i59j69i57j69i59j0l3.5478j0j7&sourceid=chrome&es\\_sm=122&ie=UTF-8#q=reicongo+p%C3%A1ssaro](https://www.google.com.br/search?q=reicongo&oq=rei&aqs=chrome.2.69i59j69i57j69i59j0l3.5478j0j7&sourceid=chrome&es_sm=122&ie=UTF-8#q=reicongo+p%C3%A1ssaro)

Mapa 4 – Aldeia Matipu



Fonte: Disponível em

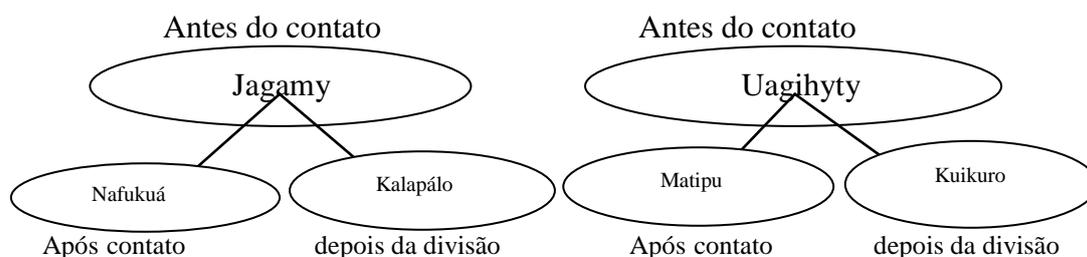
<https://www.google.com.br/maps/@-12.3826214,-53.1410883,58757m/data=!3m1!1e3>

Apesar de bilíngues, os *Kalapálo-Nafukuá* e *Matipu* falam pouco a língua portuguesa entre si, ou seja, usam a sua própria língua nativa no cotidiano. Dessa forma, *Kalapálo-Nafukuá* e *Matipu* valorizam suas próprias culturas, tradições, costumes e histórias.

A cultura e os costumes dos *Kalapálo-Nafukuá* e *Matipu* são parecidos aos de outros povos da região. A palavra *kuaryp*, por exemplo, é da língua *Kamayurá*, da família linguística (Tupí-Guaraní), mas se encontra também nas línguas *Karib*, onde é chamado de *Egitsy* (conhecido *kuaryp*), significado a “festa de homenagem ao cacique falecido”, extremamente importante para os povos que vivem na região do Alto Xingu. Essa festa ocorre duas ou cinco vezes por ano, a depender do falecimento de um cacique. Não é somente daquele cacique que comanda a aldeia. Pode ser uma outra pessoa que foi importante para a comunidade. Também fazemos homenagem a ela.

Para os *Kalapálo-Nafukuá* e *Matipu*, a língua portuguesa é considerada a segunda língua na aldeia. A língua portuguesa é falada muito na cidade, na sala de aula ou com as pessoas de fora, como não índios, quando fazem trabalho na aldeia.

Continuamos a falar sobre os povos demonstrando às figuras abaixo de acordo com as histórias que foram pesquisadas por mim:



Acabamos de observar as figuras com relação às histórias dos povos. É assim autodenominação dos povos, vista de forma confusa nos registros de estudiosos que escreveram, alguns anos atrás, quando fizeram expedições. Os povos, até agora, sentem saudades desses locais super importantes para o seu cotidiano.

## 1.2 COSMOVISÃO DO POVO NAFUKUÁ-KALAPÁLO

O povo *Nafukua-Kalapálo* e *Matipu* tem suas crenças conforme o conhecimento que o *Kuatyngy* ‘criador do mundo’ deixou para eles. Por exemplo, existem monstros invisíveis que chamamos de *itséke* e que fazem mal para as pessoas. Mas não é qualquer pessoa que os consegue ver. Eles são vistos somente por pajés, quando eles fumam muito. Esses monstros capturam a sombra da pessoa, porém, os pajés conseguem tirar os dardos que foram lançados pelos monstros. Outra crença é a de que todos os bichos têm donos; como peixe, ave, planta (árvore), morro, macaco, cobra e vários outros. Por isso o povo logo fica sabendo quando alguma pessoa adocece. E só o pajé pode fazer melhorar o paciente, pois ele tem a reza para isso; o pajé faz a reza até que a saúde do paciente volte ao normal. Quando *itséke* é visto pela pessoa que não fuma, pode ser que seja um sinal de que vai adoecer muito ou pode ser que a pessoa vai falecer mesmo.

Assim, de acordo com nossa cultura, todos os bichos passam por uma metamorfose, pois cada elemento da natureza tem dono, como citei anteriormente. Por isso, na nossa cultura, os mais jovens têm que ter orientação dos mais velhos, que entendem bem desse elemento da natureza. Se você ficar pescando ou caçando, todos os dias, os donos fazem mal para você. Por isso tem que se tomar muito cuidado com o que e está fazendo. Inclusive, quando se joga alguns peixes mortos no rio depois de têlos pescado. O dono desses peixes acha ruim, assim faz mal para a pessoa, e esta fica doente por um longo prazo.

### 1.2.1 Estilo da Vida Nafukuá-Kalapálo

Os homens *Nafukuá-Kalapálo* fazem roça para cultivar mandioca, para ter mingau e para comer beiju com peixe, pois esses são os alimentos mais importante para o povo. Quando as plantas (mandioca) ficam prontas para colher, as mulheres fazem colheita, a qual começa no mês de abril. Os homens levantam *ogo* (jirau), onde colocam a massa de mandioca e polvilho. Toda vez que abrem nova roça, eles plantam o pequi entre os pés de mandioca, pois é muito importante para o povo, que adora mingau de pequi.

Além de ser a base para o mingau, essa fruta tem óleo que o povo extrai e mistura com urucum (*bixa orellana*) para pintar o corpo.

Os *Nafukuá-Kalapálo* comem menos caça, por isso há tantas espécies de bichos na região do Alto Xingu. Cada povo tem seu território para roçar, caçar e pescar, onde se colhe vários tipos de frutas e se pega materiais para construção de casa, remédios medicinais, ervas medicinais, entre outros.

A aldeia é em forma arredondada, a casa é feita de *inhe* ‘sapê’, e dura de cinco a seis anos, depois fazem outra nova casa. No centro da aldeia tem uma casinha que se chama *kuakutu*, onde os homens guardam as flautas *kagutu* e *kuluta* (conhecida como *jakui*), que é esculpida de uma madeira determinada. As flautas têm seis orifícios para que saia belo o som, quando os homens a tocam no dia-a-dia para alegrar a aldeia parcialmente. Não é permitida para as mulheres verem a flauta, senão ela pode ser estuprada sem consentimento dela ou até um feiticeiro pode acabar com a vida dela, ou matar alguém da família. Em frente de *kuakutu* tem o tronco de madeira deitada, onde eles sempre sentam para conversar, contar histórias antigas. Os jovens ficam ouvindo o narrador quando está contando diversas histórias. No pátio da aldeia também, é local de treinamento de luta *huka huka* antes de acontecer um evento de festa de *egitsy* (kuarup) que ocorrem duas ou cinco vezes por ano na estação de seca, no mês de julho a setembro. A comunidade constrói a casa do cacique. Essa casa é um pouco diferente da casa de todo mundo. Isso que chamamos de ‘*tályhe*’ na língua do *Nafukuá-Kalapálo*. Esta casa somente para a pessoa que está no comando na aldeia, que chamamos *anety* (cacique) da aldeia.

Logo na entrada de trás da casa, eles costumam tocar fogo para fazer várias comidas. As mulheres acordam bem cedo para preparar comida, tomar banho e fazer limpeza na mandioca antes de rala-la e coá-la. Os *Nafukuá-Kalapálo* dizem que mulher não pode trabalhar sem banho, pois as pessoas não vão comer. Por isso as mulheres têm que tomar banho antes de fazer a preparação de comida.

O povo gosta de esquentar, para isso acendem fogo entre as redes para esquentar o corpo, para não ficar com frio à noite.

Na estação da chuva, é difícil achar peixes, pois os rios ficam cheios ou sujos. Mas, há muita pesca no período em que o rio está limpo e baixo.

Os antigos *Kalapálo* faziam rede de pesca. Isso era feito de embira, quando faziam pescaria coletiva com esta rede. Isso eles o chamavam ‘káki’ (fazer cerco com rede feito de embira para impedir a saída de peixe. Com isso pegavam montes de peixes. Atualmente estão comprando da cidade, ou pescam com de linha de pesca. Mas alguns matam ainda o peixe com arco e flecha. Os anzóis e redes, depois do contato com os não-índios, substituíram o arco e a flecha.

No mês de julho e agosto, à noite, os *Kalapálo* pegam tracajás enquanto estes estão desovando na praia, e de dia eles recolhem os ovos que gostam de comer.

### **1.2.2 Sociedade Nafukuá-Kalapálo**

Línguas e culturas alto xinguanas sofrem influências umas das outras, como as línguas, *Kamayurá*, *Waurá*, *Yawalapiti*, *Awety*, *Mehinako* e demais. Os *Nafukua-Kalapálo* modificam sua língua fazendo empréstimos ao falar línguas de outras etnias, dependendo das relações sociais com outros povos.

Os *Nafukuá-Kalapálo* ajudam no trabalho de outras pessoas que não são familiares e que residem na mesma casa, porque o costume do povo é coletivizar os serviços de colegas para terminar logo o trabalho.

Quando outras pessoas vêm morar na aldeia por causa do casamento, eles aceitam os filhos do outro como membros da comunidade, desconsiderando o fato de não serem parte da parentela. Em casa e na família, os membros compartilham toda a comida como reflexo da cultura do povo.

Essencialmente, a mulher quando está grávida faz uma nova rede para ela poder utilizar na hora do parto, pois ela não pode parir naquela rede onde sempre dorme, porque senão o líquido amniótico vai estragar. Por isso ela precisa manufaturar uma nova rede para usar sem problema nenhum. Depois desse parto, é proibido tocar nela, fica muito mais respeitada para ganhar novo visual. É importante, o marido ou família caçar para ela poder comer enquanto está de resguardo, porque isso é a norma; ela permanece sem comer peixe elhe são liberados apenas os tracajá que vive na água, aves, como mutum, jacu, jacutinga e macaco-prego, etc. Ela permanece em resguardo até a família decidir oferecer-lhe os peixes. Ao pai da criança, não é permitido mexer nas coisas que façam mal enquanto

ainda está pequena, senão poderá fazer mal à criança, que pode até morrer. Isso prossegue até quando a criança completa dois anos de idade, o pai volta a ficar sem preocupação com as coisas em que mexe. Isto é, quando em resguardo, não pode matar onça, gavião-real, cobra, peixe jaú, pirarara, piranha cabeça vermelha, nem mexe árvore grande que tem cheiro forte, como copaíba e outras árvores também.

Quando os meninos completam doze anos de idade, fase de adolescente, o pai e a mãe o colocam na reclusão para poder se tornar guerreiro e bonito. Ele amarra os braços com algodão para ganhar músculo, pois, não é fácil ser guerreiro, só alguns que conseguem. Por isso tem que tomar muitas ervas e raspar o corpo com arranhadeira (feita de dente de espécie de peixe cachorra) durante a reclusão para ganhar força. A reclusão decorre a depender das razões pessoais; pode ser que dure um ou dois anos. Algumas pessoas levam uns trabalhos para ele fazer, como pente de índio, caramujo para fazer colar de cinto e de pescoço. E o rapaz tem que ganhar um pagamento pela realização desses serviços. Por isso, durante a reclusão, há muitas aprendizagens. O pai ensina a aprender fazer pente, cesto para carregar mandioca, abanador, tipo de cesto e vários outros.

A meninas, da mesma, forma, quando ocorre a primeira menstruação, são afastadas da vida pública para permanecer deitada na rede durante dois ou quatro dias sem poder comer nada em casa e nem falar alto, nem se coçar com unha em alguma parte do corpo, pois senão o corpo fica com cicatrizes, por isso a família tem que lhe dar um pedacinho de *hyge* (aquela que fazemos para ser uma flecha). Isso é permitido especialmente para se coçar, quando for necessário à pessoa. Faz emagrecer de permanecer desse jeito. Depois o pai e a mãe vão buscar uma erva para tomar, para levantar e voltar a vida normal. Ela tem seu compartimento separado em casa ou cobertura com espaço somente para ela. Amarra as pernas com algodão para ficar grossas, ao contrário do homem. Também aprende fazer muitas coisas na reclusão, a mãe ensina para ela fazer esteira, rede, fiar algodão e fiar o fio de buriti. Ela dança quando a família toma decisão, a depender somente das relações pessoais. Isto é, a família pede para ela dançar na festa *egitsy* ou em outra festa. Primeiro ela dança com franja, depois no decorrer do tempo, família resolve cortar a franja para ela sair da reclusão. Pode ser que leve um ou dois anos na reclusão.

Os *Nafukuá-Kalapálo* não comem peixe grande, nem macaco quando algumas famílias adoecem, pois senão pode piorar mais a situação do paciente; então eles ficam observando o tabu de certos alimentos, para recuperar logo. Eles têm as regras para isso, de acordo com o conhecimento do povo. Eles pescam uns peixes pequenos para eles comerem quando estão muito doentes.

As pessoas mais velhas aconselham suas famílias a não fazer coisas erradas. Além disso, o cacique faz muito conselho em sua comunidade, falando do centro da aldeia para todo mundo ouvir, cumprindo o seu papel de chefe. O cacique dedica e escolhe só os dois filhos para herdar o seu papel para eles. Só que a mulher é menos respeitada na cultura se ela for cacique. O homem é que é muito respeitado na comunidade *Nafukuá-Kalapálo*. Quando tem só filhos homens, o pai escolhe os dois. Se tiver meninas entre os homens, ele determina um homem e uma menina. Não é de qualquer jeito também. Ele tem que ver e observar quem tem bons comportamentos, pois filho mau comportado, não pode assumir o lugar do pai e da mãe. Tem que ser uma pessoa boa, que pensa bem na vida. Portanto, *anetaõ* (lideranças) são mediadores e patrocinam cerimônias no dia do evento, quando ocorre qualquer festa na aldeia. No entanto, toda vez que acontece negociação para fazer uma festa *egitsy* (homenagem de falecimento da pessoa importante, como cacique. Mais conhecido como *kuarup*), *takuaga* (takudara), *duhe* (tawarawana, festa de peixe), *hugagy* (festa de beija-flor), *hágaka* (festa de cobra), *hyge oto* (festa de monte de bichos, como macacos, tamanduás, onças, aves, veados, lobisomens e vários outros bichos), festa de *kuiji* (mandioca), festa de *kagutu* (jakui) e tudo mais. Os donos dessas festas oferecem comida como mingau de pequi, de mandioca, peixe com beiju especial, para pessoa negociar e pedir para acontecer uma festa. Os *Nafukuá-Kalapálo* acreditam que se o dono não oferecesse, o espírito da festa faria o mal e lançaria dardos no corpo da pessoa. Por isso ele tem que oferecer muitas comidas para as pessoas que estão festejando.

O namoro e o casamento ocorrem por amor, depois da aceitação pela família do pai e da mãe. A pessoa corajosa e que sabe conversar bem, leva a sua rede para outra casa, que pode ser da esposa ou do esposo, a depender das razões pessoais e da decisão da família. Depois, quando já estão juntos, os dois têm que trabalhar muito. O marido ajuda no trabalho do sogro e faz algumas coisas para sua sogra. A menina faz da mesma forma. Os dois trabalham simultaneamente. O rapaz tem que dar alguma coisa para o seu sogro e

para a sua sogra, como colar de caramujo e penugem de tucano. Isso é extremamente importante para o povo desde sua origem. De vez em quando, acontece que o pai ou a mãe também sentam para conversar, demandar o necessário para a sobrinha ser uma noiva do filho, para se casarem quando ela fica moça e sai da reclusão, depois que o corpo fique pronto para namorar. A partir desse momento, o pai, mãe, irmão e o tio da menina recebem muitos pagamentos. Pois, o costume é o pagamento à família da menina, porque está se casando ainda virgem. Por isso é caríssima, tanto para o rapaz quanto para família. Porém, os dois podem trabalhar em igualdade. O genro trabalha para o sogro (a) e a nora trabalha para a sogra com o muito respeito. O cunhado (a) se considera como se fosse irmão ou irmã, companheiro (a) para sempre, e trabalham juntos, na roçada, na caçada e na pescaria. Às vezes, se o casamento não dá certo, acabam se separando, daí que o pagamento que foi dado deve ser devolvido para os donos, porque não tem como ficar com ele depois da separação.

### 1.2.3 Artesanato Nafukuá-Kalapálo

Os homens ensinam seus filhos a aprenderem a fazer *atau* (cesto), *handá* (pente), *tahaku* (arco), *hyge* (flecha), *agi* (tipo de cesto), *ugi* (banco), *etene* (remo) e mais outros artesanatos que eles costumam fazer no cotidiano. Contudo, nem todo mundo tem intelectualidade para produzir esses tipos de artesanato. A pessoa que entende, tem capacidade de realizar uma obra, que consegue terminar quando o povo confecciona. O cesto é feito de talo de buriti; o arco é esculpido em madeira especial, é determinada para isso. O banco para sentar lá mesma forma também. Faz-se com cuidado para não quebrar e rachar. O mais difícil, ainda, é fazer um pente. Não é todo mundo que consegue fazer, só alguns. Para aprender fazer flecha, os filhos acompanham o pai passo a passo, quando este está fazendo flecha. Porque tem cinco tipos de flechas que o povo faz, isto é, *mojy* (ponta mais cumprida), *apãta* (ponta dupla), *kumigi* (ponta menos cumprida), *hágaka* (ponta de cera) e *kaiha* (ponta de coquinho). Por isso os filhos podem acompanhar. Todos os artesanatos têm o modo de fazer bem bonito.

As mulheres também ensinam para suas filhas ficarem caprichosas ao tecerem peças, como *tige* (rede), *tuahi* (esteira), e ao fiar algodão e o fio de buriti.

### 1.2.4 Sobre a Contagem

Antigamente o povo *Nafukuá-Kalapálo* fazia contagem usando os dedos das mãos e dos pés. Além disso, fazia uso de pauzinhos e de nós. Por exemplo, quando calculava quantidade de algumas coisas, como o pescador que pegou quinze tucunares ou matou seis jacus. Contava utilizando os dedos.

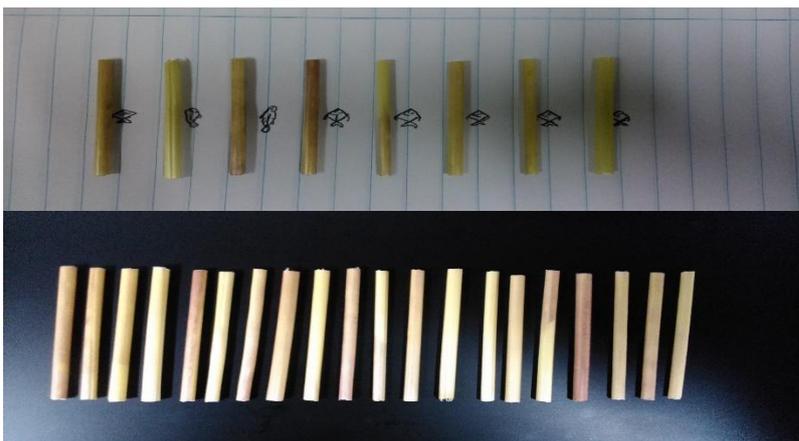
Eles observavam e contavam de acordo com os seus conhecimentos, desde a origem, quando ainda não havia a sequência numérica dos não índios: 1, 2, 3, etc. Não é que a contagem tradicional foi extinta, ela ainda existe na cultura indígena alto xinguana, pois vejo que minha mãe ainda conta usando nó e os dedos, porque ela não tem como contar utilizando o sistema dos não índios. Por isso, ela tem que fazer nó para saber

quantas unidades de algo tem. Ela faz nó de cinco em cinco para a contagem ficar fácil, como exemplo está abaixo:



Antigamente, quando iam fazer pescaria um pouco longe da aldeia, eles deixavam o nó com suas esposas, para saber quantos dias iriam ficar na pescaria. Em cada dia que passava eles simultaneamente desamarravam o nó para saber ao certo o dia da chegada. Eles não erravam de contar com esse nó, pois eles entendem bem como costume.

Contar com os pauzinhos era um pouco diferente do que com o nó, porque eles usavam para contar a quantidade de população, na hora de dividir ou distribuir alguma coisa, como peixe, beiju, fruta, etc. Na hora de fazer divisão, eles necessariamente pegavam pedaços de pauzinhos para saber se dá tudo certo e para todo mundo receber tudo igual. O pauzinho representava uma pessoa adulta na aldeia, entre homens e mulheres. Por isso eles colocavam um pauzinho para o que iria ser distribuído para cada pessoa:



Atualmente, o povo não necessita muito desse método para fazer contagem, pois, hoje em dia, a sequência numérica está sendo utilizada pelas pessoas, quando fazem

contagem. Entretanto, ainda existe essa tradicional entre as pessoas mais velhas que não sabem contar com sequência numérica. Por isso digo, ainda existe na cultura dos povos, como costume deles. Na realidade, eles tinham ou têm uma noção e competência para realizar contagem tradicional.

Hoje em dia, depois da conquista, os jovens estão usando mais coisas dos não-índios. Contudo, antes a contagem sempre era com os dedos, com os pauzinhos e com nó. Mas era muito difícil.

Apresento em seguida os nomes de quantidades do *Nafukuá-Kalapálo*.

**Nomes que correspondem aos Numerais cardinais do Português:**

Um - ágetsi

Dois - takiko

Três - tilako

Quatro - tatakegeni

Cinco - nhátyi

Seis - ágetsi inkugetoho ‘passa para um dedo da outra mão’

Sete - takiko inkugetoho ‘passou para dois dedos da outra mão’

Oito - tilako inkugetoho ‘passou para três dedos da outra mão’

Nove - tatakegeni inkugetoho ‘passou para quatro dedos da outra mão’

Dez – tímyhõ ‘todos dedos das duas mãos’

Onze - agetsi inkugetoho hygape

Doze - takiko inkugetoho hygape

Três-tilako inkugetoho hygape

Quatorze-tatakegeni inkugetoho hygape

Quinze-heine hygape

Dezesseis-agetsi inengo tapygy

Dezessete-takiko inenongo tapygy

Dezoito - tilako inenongo tapygy

Dezenove - tatakegeni inenongo tapygy

Vinte - katote hygape

### Numerais ordinais:

Hótugu - primeiro

Singingo - segundo

Setilangogu - terceiro

Satakegeningogu-quarto

Sanhatyngogu-quinto

u-mu-gu hótugu itsa te-tinguhe-ly-ti kagaiha-te  
 1-filho-CL Primeiro Estar 3-estudar-ASPEC. PONT-querer branco-em  
 “Meu primeiro filho quer estudar na cidade”

Hótu-gu u-mu-gu ingi-ngo akiti-ngo kanga-ki e-te-ly-i  
 Primeiro-CL 1-filho-cl Segundo-? gostar-? Peixe-pescar 3-ir-ASPEC. PONT-?  
 “Meu segundo filho gosta de pescar” (depois do meu primeiro filho gosta de pescar)

U-televisão-gu e-tilangogu-pe leha tinpi  
 1-nom.prop-cl.fio 3-terceiro-ex já roubar  
 “Minha terceira televisão foi roubada”

Kuampy angu agetsi-ni  
 N. próprio. dançar um -DISTR  
 “Kuampy dança de um em um”

Tanga angu takiko-ni  
 N. próprio. dançar dois - DISTR  
 “tanga dança de dois em dois”

Kanga Ø-ikany-gy ti-heke tilako-ni  
 Peixe dividir-? Nós-ERG Três-DISTR  
 “Nós dividimos peixe de três em três”

Itãõ-ko e-tinpe-ly  
 Mulher-COL 3-chegar-ASPEC. PONT

“as mulheres chegaram”

Toto-ko e-tinpe-ly  
Homem-COL 3-chegar-ASPEC. PONT  
“os homens chegaram”

Kangamunke-ko e-tinpe-ly  
Menino-COL 3-chegar-ASPEC. PONT  
“os meninos chegaram”

### 1.3 SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE KAMAN

Nesta seção apresentados um resumo da trajetória de Kaman, o principal autor dessa dissertação. Consideramos essa apresentação importante, pois fazemos parte dos indígenas que estão mudando a história dos estudos científicos sobre nossas línguas e culturas, trazendo nossa contribuição esclarecida sobre o assunto. Optamos por escrever essa trajetória em modalidade bilingue, que é uma forma de valorizar a nossa própria língua nativa.

#### **Uhyluhgy, uyyhytu akinhagy** **(Minha trajetória ou minha história de vida)**

Uitivityi, Kaman Nahukua, 39 uisoantyhygy, tyitankinhy ugei	Eu me chamo Kaman, tenho 39 anos de idade, sou casado
Nafukuáte uãke uankily, ama kingaly nahã uheke	Minha mãe me disse que eu nasci na aldeia Nafukuá
Nafukuá hakagoi Kalapálo hisundu gele. Kuikuro, Matipu ugei gehale. Tyatehema? Api Kyjyly Kuikuro, o?o Kujauku Kalapálo, api Ugassama tyhitsy o?o Kamaĩtu ake Matipuko hakagoi.	Nafukuá é família de Kalapálo. Além de sou Kalapálo/ Nafukuá, sou Kuikuro e Matipu, pois meu avô Kyjyly é kuikuro, minha avó Kujauku é Kalapálo, meu avô Ugassama é Matipu com minha avó kamaitu.
Anetypeha akagoi apikoi. Orlando Villas Bôas heke uãke api Ugassama, igatohope	Meus avôs eram caciques. Orlando Villas Bôas chamava meu avô de Pedrazinho,

<p>Pedrazinho. Tehukusygy nygy hungu tsalegei. Angoloi hale Kagaiha akisy (pedrinha) lahale.</p> <p>Kagaiha akisy uhitsygype tsalegei uãke api heke. Ylepei leha itityi Orlando Villas Bãs heke tyily.</p>	<p>mas, possivelmente seria em português “Pedrinho” (pedra pequena ou pedrinha).</p> <p>Na época meu avô procurou falar em português. Daí Orlando Villas Bãs colocou o nome dele.</p>
<p>Matipu anetygype helei api. Tsekegyi uãke sanetunda. Yleatehe ama heke uigatyhygy, api ititype kagaiha heke igatohopeki, ingunkingitohoi itsomi.</p>	<p>Meu avô era cacique do Matipu. Ele foi grande cacique. Para lembrar o nome do meu avô, minha mãe me chamou de Pedrazinho/Pedrinho, como o branco o chamava.</p>
<p>Ugassamai ekegu tsahale itity hekugu anygy uãke nagokugi heke igatatyhygype tsahale.</p>	<p>Evidentemente o seu povo o chamava de Ugassama.</p>
<p>Uakanetyhygy atehe hale egei ama heke, igatyhygy itsi, api anetupe tikanhetomi tsygyha uheke.</p>	<p>Como sou escolhido pelos meus pais para representar o papel dele que era cacique, nesse contexto, me chamaram de o que ele se chamava.</p>
<p>Nafukuái nahã uitivity otohongo atyhygy, Kalapálo sisuygyi gele anygy atehe. Yleatehe gele egea uitivity atyhygy.</p>	<p>Como Kalapálo é família de Nafukuá, por isso deixei meu sobrenome Nahukua.</p>
<p>Unguhumpynganinhope uãke udokometusy tyilyi professora Maria Cristina Troncalli heke yauagute, uygynu hata sekuha, yle uãke hékite tyinui uheke. Nafukuáte hale uãke utely atehe Nahukuai tyily iheke.</p>	<p>A professora Maria Cristina Troncarelli foi quem colocou meu sobrenome sem me consultar quando eu estava doente no Posto Diauarum. Por isso permaneceu desse jeito, me considerou Nafukuá, pois eu morava lá.</p>
<p>Ylepe leha Kalapálothe gehale utely ngikona ngampa uisoantyhygy atani, inhaly uhunymi uheke hékite, kangamunkei gele uatani. Ë ngampa takiko, tilako la uisoantyhygy atani</p>	<p>No entanto, eu também morei na aldeia Kalapálo quando era criança, todavia, não sei quantos anos eu tinha, pode ser que 2 a 3 anos de idade.</p>

hungu.	
Undema kuhunygy hale uheke? Kuhunygy uheke etinenygy, Kuikurote 1977 a 1982 atani. Takiko inkugetoho laleha uisoantyhygy atani. Tseta lahale uāke kuhunygy uheke etinenygy. Yletaha Bruna Franchetto ingily etinenygy uheke hotugui, uhisuygy Majugi ikihygy yngaha etimpepygy atani uāke.	Onde eu comecei entender o mundo? Comecei entender o mundo foi na aldeia Kuikuro de 1977 a 1982 quando eu já tinha 7 anos de idade. Lá que eu comecei a entender. Nesse período, conheci a Bruna Franchetto quando ela estava hospedada na casa do meu finado irmão Majugi Kuikuro.

Inhaly geleha yleta uāke escolai etete katote. Yleta uāke tetinetinhyi utahehijy atani, tsuein ekugu kagaiha akisy uhupoly uheke igehunda.	Na época, ainda não tinha escola em cada aldeia. Se eu tivesse estudado nesse tempo, falaria muito na língua portuguesa.
Ylepe leha uāke Kuikuroko etimokily, inHINGO leha tetuko akily ihekeni, hotugupe ōly leha ihekeni. Titsetimokily leha ikeni inHINGONA etena. Tseta ekugu lahale uāke kygyhytu uhunygy uheke etinenygy hekite ekugu lahale.	Embora os Kuikuro tenham se mudado, abriram nova aldeia e abandonaram a primeira aldeia. Nós mudamos com eles para a nova aldeia. Lá eu comecei a entender bem melhor o que é a vida.
1984 atani, inhinhote leha etete, profssora Maria Cristina Troncarelli katsu etinenygy Polo Leonardote, aula tunygy itinenygy.	Em 1984, quando nós estávamos na nova aldeia, Maria Cristina Troncarelli começou a dar aula no Posto Leonardo.
Kakyngi kugeko uāke ike tatahehisinhype yleta.	Tinha muita gente que estudou com ela na época.
Inhaly geleha katahehijy ygyhytu uhunymi yleta uheke.	Eu ainda não tinha conhecimento no estudo naquele tempo.
Inhaly gehale uāke apa ikihygy akiti	Meu finado pai ainda não queria que a

<p>kagaihái tisinhygy ányimi. Tyhekema egea ukita? Inhaly uãke haki tisunygyti anyimi. Tyatehema? Katahehijy nahã, ngikomunde leha kutelytely, kukotomo hogitala. Yleatehe uãke nhaahẽ utahelijy etinepungu.</p>	<p>gente ficasse como branco. Por que eu estou dizendo isso? Ele não nos deixava ir longe. Por quê? Quando nós estudamos, podemos ir a algum lugar, longe da família. Por isso eu não tinha logo começado estudar.</p>
--	--

<p>Ngikogope ekugu gele uãke elei. Gipaki gele ingukgingu kily tisygyhytu kae, ailupe atehe. Giapaki ailene kae ingunkingu kily.</p>	<p>Ele era índio puro ainda. Ele sempre pensava na nossa cultura e sempre pensava na dança tradicional.</p>
<p>Inhaly uãke egehungu ygyhytu uhunymi iheke. Tatahehisibyingype tsama, yleatahe tsyha uãke egehungu ygyhytu uhupungu iheke.</p>	<p>Ele não sabia a norma do estudo. Pois ele não tinha estudo, por isso ele não tinha conhecimento do estudo.</p>
<p>Ylepe leha nagope etinpely etena tuhugu, tẽginkini leha caderno imbely ihekeni Leonardo tongompeine. 1987 a 1988 atani.</p>	<p>Daí aqueles que estudaram no Leonardo, cada um trouxe caderno, entre 1987 a 1988.</p>
<p>Yleta lahale uãke utinenygy katahehijy ygyhytu uhunygyti. Kõto, Taliko, Tawaku, Atangi, Teki Kuikuro, nagope hakagoi hotugui tatahehisinhype.</p>	<p>Nesse tempo comecei a me interessar pelo estudo. Konto, Taliko, Tawaku, Atangi, Teki Kuikuro, estudaram primeiro.</p>
<p>Etuhutelyko kily, tyngatahongani tahehisinhype igykitomi ihekeni.</p>	<p>Eles se reuniam para fazer leitura dos livros.</p>
<p>Yletaha uhisuygy Yuatahu inguhely Teki Kuikuro heke.</p>	<p>Naquele tempo Teki Kuikuro ensinou meu irmão Yuatahu.</p>
<p>Inhaly gehale uãke hékite inguhelyi iheke, katohola uhunygy iheke. Ylepe atehe</p>	<p>Só que ele não ensinou bem, por isso meu irmão aprendeu um pouquinho.</p>

uhisuygy heke ketigykily uhunyygy katohola.	
Seepongani utely kily, inhaly ingukeintsilyko kilyi uheke. Uhytisu kily leha	Eu chegava perto deles, porém não perguntava para eles, ficava com vergonha.
Aiha. Yleta uãke utely kily Matipuna, ama hisuygy aua Kohela inha.	Enfim! Na época eu ia para Matipu, visitar o irmão da minha mãe que se chama Kohela.
Tsetaha, uhisuygy Kuliky Matipu heke ukily: -Angi uinguheholy eheke?- Alati-Nygy iheke.	Lá eu disse para meu primo Kuliky Matipu: - Tem como você me ensinar? – Sim!,Claro. – Disse ele.
Caderno tunygy leha uinha iheke. Ylepe uinguhely iheke letra itityki tsygytse.	Ele me deu um caderno. Daí ele ensinou apenas sobre alfabeto.
Inhalybe uhunymi uheke. Uhangankinygy bele lepene.	Não aprendi nada. Esqueci logo depois.
Ylepe gehale uato tyhogisi uheke Matipute, itityi Yahua	Eu também achei um amigo no Matipu, o nome dele é Yáhua.
Ngele heke livro gibi tunygy uinha, tsuein uakiti livro ingily uheke.	Foi ele quem me deu o livro gibi, adorei muito esse livro.
Yle kaeha palavra “Indústria Brasileira” ingily uãke uheke hootugui. Tapungui leha ugitygy atati ongintely uheke.	Nesse livro conheci palavra “Indústria Brasileira” pela primeira vez. Decorei e guardei na minha mente.

Ahyty hegei uhunyygy akela uheke, hutohontely tsygytse hegei uheke.	Não é que aprendi a ler, apenas decorei.
Ahehisale leha utely kily ngongo kaenga.	Eu ia escrevendo na terra.
Ukangamuketokongo heke leha uhangaminygy kily uhutinhi agage ekugu leha.	Crianças da minha infância pensavam que eu sabia ler.
Uge hale utinha inhaly gele uhunymi uheke yleta.	Por mim eu ainda não sabia na época.

1990 atani tisetimokily Kuikuro tongopeine, Jaupehana, 18anoi leha uatani.	Em 1990 nós mudamos para o lugar chamado Jaupeha, quando eu tinha 18 anos de idade.
Titsely leha Jaupehana.	Nós fomos para Jaupeha.
Inhaly tseta tamitsi tisinhyimi, titsely leha Nafukuána 1991 atani.	Nós não ficamos muito tempo por lá e, fomos para Nafukuá em 1991
1993 atani uhametigyingo heke uinguhely nhátyi tsygytse frase akyingintu, igia agage:	Em 1993 meu futuro cunhado me ensinou com cinco frases, por exemplo:
O tatu mora no buraco. O tatu come o pequi. Eu tenho uma caneta vermelha. A menina pintou a testa. Minha mãe me pintou.	

egea tsygytse uãke uinguhely iheke	Era isso que ele me ensinou.
Lepene lahale uãke uintsage utinguhely ekugu lahale angoloi. Uhunogy lahale uheke yleta, ketigykily, katahehijy uheke uhunogy	Logo em seguida, estudei de verdade mesmo. E aprendi a ler e escrever
1993 atani uãke Maria Cristina Troncarelli, Carmen Junqueira, Maria Eliza Leite, Lucy Seki, Harue Yamanaka ko heke Projeto de Formação de Professores tyily etinenygy Parque Indígena do Xingu te	Em 1993, Maria Cristina Troncarelli, Carmen Junqueira, Maria Eliza Leite, Lucy Seki, Harue Yamanaka começaram criar o Projeto de Formação de Professores no Parque Indígena do Xingu
1994 leha atani, curso etinenygy. Fundação Mata Virgem heke tyily.	Em 1994, começou o curso. Realizado pelo Fundação Mata Virgem/Associação Vida e

Yletaha uãke Ayuma tytenhyi segati curso na Posto Pavuru na.	Ambiente (AVA). Na época Ayuma foi participar do curso no Pavuru.
Katohola uãke ike utinguhely, ahyty tsũila	Eu estudei um pouco com ele, não é muito.
1995 atani etely gehale ségati. Ihily leha tsetalypeine, sótonu hinhe, etyiti gele atani, tyhitsy hyngyngy leha iheke.	Em 1995, ele também foi pra lá. Só que ele fugiu de lá por causa de saudade, no dia que ele estava de lua de mel e ficou com saudade da esposa.
1996 atani, ISA inhakogolati leha etimokily	Em 1996, passou para Instituto Socioambiental (ISA).
Yletaha aua Yamiku Nafukuá anetygye, heke uingenygy tyngati, uitaginkitsomi iheke, tsehuhesu atehe Professor itypohongo kae. Utely leha ínha:	Nesse tempo, meu tio Yamiko Nafukua, ex-cacique da aldeia, me chamou para conversar sobre professor da aldeia, e quem podia entrar no lugar desse rapaz que saiu, pois estava preocupado e eu disse para ele:

- Uani ekitomi uheke aua?- Ukily iheke.	- O que você quer comigo tio? –Eu disse a ele.
- Ê,pygi. Angi nika osogo itypati eitsoly? kangamunke inguheniti uitsa igei.	- Sim, sobrinho. Tem como você assumir no lugar do seu tio? Pois estou querendo um professor para ensinar as crianças.
- Koo! Inhaly tinahã kagaiha akisy uhunymi uheke.- Ukily.	- Sei não! Eu não entendo a língua do branco. –Disse eu.
-Inhaly! tytykingoki tsaha uhunymingo eheke.	- Não! Devagar você vai aprender.
- Ama inha apa hõhõ utsatani. – Umily.	- Eu vou falar com minha mãe ainda. - Disse eu.
Ylepei leha utely ama inha utsatigi:	Daí fui falar com minha mãe:
- Ama, aua kita uheke igia agage: Uamã ukily iheke igei?	- Mãe, meu tio está falando assim pra mim. O que eu posso dizer para ele?

- Ęhĕ kitse tsapa osogo heke. Aitygy ankily tsale kenhi eheke tikenitila tyigote eheke.	- Aceita palavra do seu tio. Senāo ele vai ficar triste se vocĕ nāo aceitar.
- Ama! Inhaly tinahā uitaginhui kagaihai!	- Māe! Eu nāo falo portuguĕs!
- Umukugu! Tsake hōhō ukily eheke. Ikenikeha osogu. Tyatehema egea ukita eheke? Inhaly utahelijyi, inhaly ōuỹ atahelijyi gehale. Uhunymingo tsaha eheke ilanha tytykingoki. Igetala munkeatale, ngiko hogitsani eheke kuketinha. Ęhĕ kitseha.	- Meu filho! Escute que eu te digo. Acredite no que o seu tio estā dizendo. Sabe por que eu estou dizendo isso para vocĕ? Eu nāo tenho estudo e seu pai tambĕm nāo tem estudo. Quem sabe um dia, vocĕ consegue alguma coisa para nōs. Pode aceitar.
- Osi! –Ukily leha ama heke.	- Estā bem! – Disse eu para minha māe.
Lepene leha 1996 atani novembro kae, tistely leha curso na Aigi Nafukuā ake, Yamiku mugu ake. Ngeleha Aigi tely gele tatahehijyti anygy atehe.	Depois, mĕs de novembro de 1996, eu e Aigi Nafukua fomos para o curso. Ele foi por interesse de estudar.
Talokito agage gele uāke ihangamita tiheke.	Pensāvamos que era brincadeira.
Hotugui gele hegei utely.	Eu fui pela primeira vez.
Yleta uāke katohola ekugu gele kagaiha akisyi uitaginhui hata.	Naquele tempo eu estava comeęando a falar na lĭngua portuguesa.
24 anoi leha uatani haingoi leha.	Eu jā tinha 24 anos de idade.
Yleatehe gele ante tsũĕin enkugi uinha kagaiha akisyi uitaginhui anygy.	Por isso atĕ hoje fico com dificuldades de falar na lĭngua portuguesa.
Utinenygy uāke haingoi leha uatani.	Quando comecei era jā adulto.

Kangamunkei gele tetinguhenhympei uatani, tenumitsela leha uitaginhumboly kagaihai.	Se eu estudasse desde criança, falaria fluentemente em português.
Titsely leha.	Nós fomos.
Tisetinpely leha Pavuru na.	Nós chegamos no Pavuru.
Kógetsí hunta leha tisítity ihata tiheke agetsini, professora Maria Cristina Torncarelli heke tikongo ake tisítity uhutomi.	No dia seguinte, cada um de nós foi apresentando o nome para a professora Maria Cristina Torncarelli e outros saberem.
Katohola ekugu ngiko uhunygy yleta uheke, hotugui gele utepygy atehe.	Aprendi um pouco, pois fui pela primeira vez.
Tsetalypeine leha uitsyhinhe, ukatsu etinenygy, kangamunke inguhely heke, dezembro kae,1996 atani	De lá, comecei trabalhar para ensinar as crianças, em dezembro de 1996.
Jatsitsype uãke utahehijy etinenymi, kagaiha akisy uhutela gele uãke utepygy cursona.	Meu estudo começou triste, fui no curso mesmo que ainda não entendia a língua portuguesa.
Pavura na utely hótugui.	Eu fui no Posto Pavuru pela primeira vez.
Ami utely Diauarum na, Leonardo na gehale.	No outro ano, fui ao Posto Diauarum e no Posto Leonardo também.
Diauarum tongompeine ekugu uãke enkugi ekugu tisinhompijy kita. Tyatehema? Õĩ heke leha tisely kily anhá ata.	Do Diauarum, voltávamos com dificuldades. Por que? Ficávamos com sede no meio do caminho.
Inhaly uãke yle heke uanakilyi, utely kita gele yle hata. Utinguhelyti uanygy atehe, kagaiha	Eu nem pensava em desistir por causa disso, mesmo assim eu ia. Pois, quero estudar, para aprender um pouco a língua portuguesa.

akisy uhutomi uheke katohola.	
Ante gele uingunta hekite ekugu, tisuyntyhygype hankuinga. Tisijenygy leha kohongo agage, jatsitsyi ekugu. Agetsingoi uhangankinymingo uyygyhtu upygyna uitsote. Tyatehema, gipaki gele ingukginginaly uheke, egea uatyhygype yleta.	Eu me lembro muito bem, o dia que afundamos no rio kuluene. Nadamos que nem o pato, muito triste. Esquecerei quando chegar o fim da minha vida. Porque, cada segundo eu lembro o que aconteceu comigo naquele período.
2002 leha uãke atani formai uinhygy ensino Médio kae, Diauarum te. Yletaha, uiginhu duhei Professor Sepé Kuikuro ake.	Em 2002, me formei no ensino médio no Posto Diauarum. Naquele momento, eu cantei o canto duhe(tawarawana) com professor Sepé Kuikuro.
Ylepe leha 2004 atani vestibular tyily uheke Pavuru te. Uanygy leha uheke.	A partir de 2004, fiz vestibular no Posto Pavuru e passei.
Lepene leha 2005 atani utely Universidade de Estado de Mato Grosso na. Cidade Barra do Bugres na.	Depois em 2005 fui fazer faculdade na Universidade de Estado de Mato Grosso, em Barra do Bugres-MT.
Município hegei ngikogo etinguhely itynhimbyngy Universidadete.	O município que acolheu o estudo dos índios na Universidade.
Tseta utinguhely, ngiko uhunygy igely uheke unguhupungupe.	Estudei lá, aprendi alguns conhecimentos que não sabia antes.
Uareasy akynгийy leha uheke. Língua, Arte e Literatura.	Escolhi a minha área, como Línguas, Artes e Literaturas.
Elias Januário coordenador geral heke tisakipenygy kily tsûein,	Elias Januário, coordenador geral, nos aconselhava muito para que a gente não fizesse coisa errada e

ngikona tisitsyngi tseta.	confusão na Universidade de Estado de Mato Grosso/Unemat.
Ongitely kita leha uheke, tisapenygy humbeke iheke.	Eu guardava cada conselho dele na minha mente.
2009 kae uãke formai uinhygy graduação kae Unemat te.	Em 2009, me formei na graduação na Unemat.
2010 atani utimonkily Barranco Queimado na, ukasy etsekutelyti uanygy atehe.	Em 2010, me mudei para Barranco Queimado, pois queria a melhoria do meu trabalho.
Tseta ukatsu, agetsi uisõãnygy tsygytse.	Lá trabalhei apenas um ano só.
Lepene leha uingunkingu utinguhely kae gehale agetsyky.	Depois eu pensei em estudar mais.
2011 atani processo seletivo tyily uheke UnB ata. Prova uanygy leha uheke.	Em 2011, eu fiz processo seletivo na Universidade de Brasília. Eu passei na prova.
Tsuein Castilho FUNAI heke untikygy, ukotakita leha iheke, inhaly utinguhely ikenikyimi iheke. Uingunkeĩtsily iheke ínhani utegote FUNAI na declaraçãoki:	O Castilho da FUNAI riu muito de mim, não acreditou no meu estudo. Me perguntou quando fui para lá, para pedir a declaração da FUNAI:
- Hékite gele uege? Tytima eitsa? – Nygy iheke uheke.	- Tudo bem? Pois não? – Me disse ele.
- Ë! Einhani ueta declaração tyitomi eheleni uinha, igetomi uheke Brasília na. Utahehijyti uitsa ségati! – Ukily.	- Sim! Eu vim para vocês fazerem uma declaração para mim, para que eu levasse para Brasília, pois estou pretendendo estudar por lá. – disse eu.
- Jatsitsy uege kangamunke! Inhaly tsymã prova uanymingotsei eheke. Eteguninhea nika, mestrado tyily	- Coitado de você, menino! Você nunca vai passar na prova. Pensa que fazer mestrado é brincadeira? Vamos fazer declaração à toa para você. As pessoas

hangaminta heke? Talokiha einha tinhyintomi. Íngila leha uãke ake prova tyinikoingo etinguhely. – Nygy iheke uheke.	que vão fazer prova com você já estudaram antes de você. – Me disse ele.
- Látsapa utsutani Castilho, kulegy hyngy bale prova uanyimi kupehe.- Ukily leha iheke.	- Deixa eu tentar, Castilho, quem sabe eu passo na prova. – Disse eu.
Uingunkingale leha uihatily tsetalypeine, egea tyhygy ngine iheke uheke.	Eu saí de lá pensando muito, depois que ele me disse.

ange ankge ange

Inhaly uãke uahetinhombalytsei, utinguhely íngi utely hata, uge gele uintsage síngi utely, iti uánygy atehe.	Não tinha apoio quando eu ia atrás do meu estudo, sozinho mesmo fui atrás do interesse, com o meu desejo.
Ty ekuguma jatsitsy ingingilyi, utely hata Brasília na uãke, anhakapo ônibus etsetsely mitote leha 5 hora atani. Tseta leha tsuein utihugukily, uingunkingukijy leha agetsyky iheke.	O que eu achei muito triste na minha vida foi o ônibus que ficou com problema, antes da cidade Anápolis. Era 5 horas da manhã. Lá fiquei pensando mais ainda no meu estudo.
10 hora mitote, kapehe leha giti atani, ônibus telo etinpely, òin heke leha uely hata. Inhaly gehale tseta tengenhytsei.	Às 10 horas da manhã, outro ônibus chegou, quando eu já estava com fome, pois lá não tinha para comer.
Ylepei leha etinpely Brasília na 14 h 30 atani, tyhilila leha uatani.	Dáí cheguei em Brasília mais ou menos às 14 horas e meia da tarde.
Uhisuygy Paltu Kamaiurá heke	Meu irmão Paltu Kamayurá já estava me esperando

leha uenynpata rodoviáriote.	na rodoviária interestaincl..
Uitaginpakily leha iheke, ylepe leha titsely metrô ata agetsingoi rodoviário plano piloto na.	Me cumprimentou, depois a gente foi de metrô até a rodoviária plano piloto e de lá fomos de ônibus circular até a UnB.
Angoloi ekugu hale etinpely Laboratório de Línguas e Literaturas indígenas na. Tseta leha professor Aryon Dall'Igna Rodrigues ingily uheke hótugui, professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral	Na realidade, cheguei no Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas-Lalli/UnB. Lá conheci o prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues e professora Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, pela primeira vez.
Uitagibakily leha ihekeni.	Eles me cumprimentaram.
Lepene leha aluna Chandra heke uigely ngiko engelyinha. Aluna helei hótugui ungingipygy yleta.	Logo em seguida, a aluna Chandra Veigas me levou pra comer algum lanche. Ela foi a aluna que conheci primeiro naquele momento.
Lepene leha kohotsi utely professora Ana Suelly yngãti.	Depois à tardezinha, eu fui para a casa da professora Ana Suelly.

itseta takiko uegotisy tely.	Lá fiquei apenas dois dias.
utely leha Wary Kamaiurá yngãti. Tseta lahale tamitsi uinhygy, utinguhely heke prova igakaho.	Fui para a casa do Wary Kamayurá. Lá fiquei por muito tempo estudando antes da prova.
Tytykingoki leha alunoko uhunyygy igely, Suseile Andrade, Ariel Silva, Sanderson, Vanessa Porto, Rodrigo Cotrim, Fábio, Jorge Lopes, Ana Aguilar, Wary Kamayurá, Joaquim Maná Kaxinawá, Altaci Kokama, Nanblá Xokleng, Edilson Baniwa, Gabriel, Maxwel teloko gehale.	Devagar fui conhecendo os alunos como, Suseile Andrade, Ariel Silva, Sanderson, Vanessa Porto, Rodrigo Cotrim, Fábio, Jorge Lopes, Ana Aguilar, Wary Kamayurá, Joaquim Maná Kaxinawá, Altaci Kokama, Nanblá Xokleng, Edilson Baniwa, Gabriel, Maxwel e outros.
Yleta aluna Suseile heke livro Problemas de	A aluna Suseile Andrade me emprestou

Linguística geral VI e VII (Emile Benveniste), tohongoĩ Linguagem e Linguística, uma introdução (John Lyons), tunygy uinha utinguhetomi itsae.	dois livros, isto é, 'Problemas de Linguística geral I e II (Emile Benveniste), e Linguagem e Linguística, uma introdução (John Lyons), para eu estudar antes da prova.
Prova tyily leha uheke dia 28 atani novembro kae. Uanygy leha uheke	Fiz a prova no dia 28 de novembro e passei.
Dia 06 atani dezembro kae, prova oral tyily gehale uheke. Uanygy leha uheke gehale.	No dia 06 de dezembro, fiz a prova de oral E passei também.
Hytyha enkugila tyita hyngy uheke, tsueĩha enkugi. Yle hunguki gele uanygy katote uheke.	As provas não foram fáceis, achei muito árduas. Mesmo assim eu passei em todas.
Lepene hõhõ utely uetuna, aula etinegy úëtigi.	Eu ainda fui para a aldeia, para esperar o início da aula.
Dia 12 de março 2012, aula etinenygy leha. Takiko ungotily aula heke, etete gele uatani.	No dia 12 de março, a aula começou na UnB. Faltei duas vezes porque ainda estava na aldeia.

Ekgugi ekugu yleta uãke ehu itsa uinha.	Naquele dia, o transporte ficou difícil para eu viajar.
Yleta uãke GREVE heke aula hetsely katohola, ahyty tsuein ekugu.	Naquele dia a greve interrompeu um pouco a aula, mas não muito.
Graduação tyilyko hokongoko ekugu hale uãke tatahehisila leha tatinhyikoi yleta.	Aquele dia as aulas de graduação que foram interrompidas mesmo.
Pós-Graduação tyily hokongoko gele hale uãke tatahehisatinhyi.	Os alunos de pós-graduação ainda continuaram aulas normalmente.
GREVE etinenygy uãke yleta dia 21 atani maio kae, agetsingoi setembroi.	A greve começou no dia 21 de maio e foi até setembro.
Professor Aryon yngati leha uãke utely Wary	Eu fui para a casa do Aryon, a pedido de

ynga uitsa tyhygy ngine.	Ana Suelly, depois que fiquei na casa do Wary.
Katohola uãke tamitsila uinhygy Aryon ynga. Atahinhately kita uinha, tetinguhepygy etinetyhygy ihanygy kily iheke uinha.	Pouco tempo fiquei na casa do Aryon. Ele me contava sua trajetória de estudo.
Tetijipygy agage leha uãke uyily iheke, tsuëin tisitaginhuh kily ike, ketinguhely ygyhytu kae. Kakynge ngiko uhunygy ike uheke.	Ele me considerou como se fosse filho, conversávamos bastante sobre estudo e aprendi muita coisa com ele.
Ingunkeitsilyti uãke uinhygy, ame tomi uheke yle hata lepene leha ahehoholy uheke. Inhaly, sygyngu leha uãke yle hata. Tyhilila leha uãke inhygy etinenygy. Yle uãke ingunkeitsinui uheke.	Eu queria fazer entrevistas ele, gravando para depois transcrever. Mas ele ficou doente, ele começou a permanecer fraco, por isso não entrevistei mais.
Lepene leha uãke étena utepygy atani, apungu leha unhaka 88 sisoantyhygy atani.	Depois que fui para a aldeia, ele chegou ao fim da sua vida, quando ele tinha 88 anos de idade.

tsuëin leha uãke utihügukily apungu tagote uheke, inhynga uitsatygy atehe.	Eu me senti muito triste, lamentei muito a morte dele, porque morei na casa dele.
Tamitsi leha uãke atani, 29 maio kae titsely ama Tikugi ake, umugu Nakata há gehale yleta uake Brasília.	Com o passar do tempo, eu, minha mãe Tikugi e meu filho Nakata fomos para Brasília.
Ama igely uake uheke, uinguheni heke ingetyhygy atehe, igisy ametomi tiheke, livroi leha enginipe itsomi.	Levei minha mãe comigo, pois minha professora Ana chamou ela para podermos gravar os cantos que ela tem, para ser algum livro depois.
Ihijaõpe heke ingitomi, atanhetyingi gehale.	Para os que os netos possam ver depois, para não ser extinta no futuro.
Yleta uãke portal xingute tisitsa águas claras tongo, Brasília zoológico imyngige.	Naqueles dias, nós ficamos no Portal Xingu localizado em Águas Claras, em

	frente do zoológico de Brasília.
Lepene hōhō uāke uinhōpijy etena, agetsi ungunegy tely.	Depois eu ainda fui para a aldeia, fiquei só um mês na aldeia.
Ylepe setembro kae 2014 atani utely lahale defendei udissertações tyily inha.	A partir de setembro, fui defender a minha dissertação.
Egea aketsange uāke utinguhely. Engampa doutorado tyilyingo gehale uheke, uingukginguingo gele hōhō.	É assim que eu estudei. Não sei se vou fazer doutorado, eu ainda vou pensar.

No capítulo seguinte, damos início à descrição linguística, objeto central de nossa dissertação.

## **CAPÍTULO 2 - O NOME EM NAFUKUÁ-KALAPÁLO**

### **2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Neste capítulo, apresentamos uma descrição da constituição interna dos nomes em Nafukuá-Kalapálo, pondo em evidência o significado dos seus elementos formativos, os quais refletem aspectos do modo como os Nafukuá-Kalapálo veem o mundo.

Mostramos que os nomes têm uma estrutura própria que os distingue de outras classes de palavras da língua, embora neste estudo nos restrinjamos a abordar os nomes. Uma primeira característica dos elementos dessa classe é a de serem referenciais, podendo ter como referente um ser concreto, como homem, ave, peixe, o astro sol, ou um referente abstrato, como desejo, dor, dimensão.

Os nomes se distinguem uns dos outros primeiramente pela natureza dependente ou não do seu referente. Nessa compreensão, os nomes podem ser relativos ou absolutos. Essa distinção se reflete fundamentalmente nas suas formas morfossintáticas, pois os relativos combinam-se diretamente com um determinante, enquanto que os absolutos, só em usos particulares se combinam diretamente com um determinante.

Os nomes, cujos referentes são contáveis, se combinam com os morfemas de morfema que codifica ‘coletivo’. E os referentes dos nomes podem ser atenuados ou intensificados, mas essa possibilidade depende de suas dimensões físicas, mas também da vontade do falante em expressar a sua afetividade com respeito ao referente de um nome (seção Y).

Os nomes se combinam também com morfemas que marcam o estado de existência dos referentes, que pode ser o estado atual, o retrospectivo ou o prospectivo (Seção 2.7).

Os nomes relativos recebem morfemas classificadores quando em construções possessivas (Seção 3.1).

Os nomes em Nafukuá-Kalapálo cobrem todos os elementos da cultura desse povo e os determinantes e atributos que os modificam são todos coerentes com o modo como os Nafukuá-Kalapálo veem o mundo em que vivem. Nas próximas sessões abordamos cada um desses tópicos.

## 2.2 NOMES COM REFERENTES RELATIVOS E ABSOLUTOS

Os nomes em Nafukuá que possuem referentes relativos são intrinsecamente relacionados a um determinante, como são os casos de nomes de parte de um todo - partes do corpo, partes de plantas, partes de animais -, nomes de sensações, nomes de qualidades, nomes de sentimentos, nomes de relações de parentesco e nomes de certos objetos pessoais.

Nomes absolutos, contrariamente, não requerem dependência de um determinante. Há, por outro lado, nomes absolutos que podem ocorrer em construções genitivas, mas, nestas, são especificadores, ou seja, individualizam o referente, visto que o mediatizador de posse é genérico, e funciona também como um tipo de classificador (cf. GRINEVALD 2000, 2002; GRINEVALD e SEIFART 2004). Há, ainda, nomes absolutos, que, em certas situações podem ser determinados, como mostraremos adiante.

No quadro seguinte, sintetizamos características dos referentes relativos e absolutos de nomes em Nafukuá-Kalapálo:

<b>NOMES INERENTEMENTE RELATIVOS</b>	Os referentes são partes de um todo – partes do corpo humano, partes do corpo de animais, partes das plantas, entre outros.
	Os referentes são relações de parentesco que relacionam elementos de uma família.
	Os referentes são lugares pessoais.
	Os referentes são sentimentos de cada um.
	Os referentes são sensações experimentadas por cada um.

<b>NOMES PASSÍVEIS DE SEREM DETERMINADOS</b>	Os referentes são pessoas que ocupam status na sociedade, cujos nomes distinguem umas das outras.
	Os referentes são nomes de grupos culturais, sociais, e/ou com características físicas que os distinguem uns dos outros.
	Os referentes são certos intervalos temporais, como o ciclo lunar, parte do dia, parte da noite.

	Porções de elementos da natureza – porções de água, porções de terra, entre outros.
	Os referentes são animais mortos, caçados, pegos para criação, preparados para serem comidos, ou partes destes.
<b>NOMES ABSOLUTOS</b>	Plantas nativas.
	Os referentes são de elementos da natureza, como o trovão, o raio, a estrela, o céu, a nuvem.
	Animais livres na natureza.
	Os referentes são estações, como tempo da seca e tempo da chuva.
<b>NOMES ABSOLUTOS MEDIATIZÁVEIS</b>	Os referentes são plantas cultivadas.
	Os referentes são os frutos das plantas.
	Animais domesticados, cozidos, fritos, moqueados, assados.

Os nomes que possuem referentes intrinsecamente relativos, quando fazem parte de uma relação de determinação, se combinam com um determinante, que pode ser (a) um prefixo pessoal ou (b) uma expressão sintática nominal.

Apresentamos, em seguida, um quadro com os prefixos pessoais do Nafukuá-Kalapálo:

PREFIXOS PESSOAIS			
	temas iniciados por consoante	temas iniciados por vogal	temas iniciados por vogal de mesma qualidade que prefixo
1	u-	ug-	∅-
2	a-	e-	
12(3)	ku-	kuk-	
13	ti-	tis-	
3	i-	is-	∅-
3corr	tü-, ti-		

PRONOMES PESSOAIS	
1	úge
2	uége
12(3)	kukúge
13	tisúge

a) Nomes relativos com determinante expresso por prefixo pessoal

[Prefixo pessoal+Núcleo+ GEN.CL]

u-gity-gy

1-cabeça-CL.CIR

‘minha cabeça’

b) Nomes relativos com determinante expresso por meio de expressão sintática

[[Kaman] [gity-gy]]

Kaman cabeça-CL.CIR

‘cabeça de Kaman’

Note-se que, nos dois casos, a raiz é flexionada por um morfema classificador, que classifica o referente, segundo sua forma ou dimensão. Mas esses classificadores, pelo fato de só marcarem um nome quando este funciona como núcleo de uma construção possessiva, serão aqui tratados como classificadores possessivos. Dedicaremos o capítulo 3 aos classificadores do *Nafukuá-Kalapálo*.

Observamos que todo nome relativo possui uma forma absoluta, destituída de determinante e de morfema possessivo-classificador.

Passemos agora à exemplificação dos nomes intrinsecamente relativos:

**Partes de um todo** – partes do corpo humano, parte do corpo de animais, partes das plantas, certos objetos pessoais, entre outros.

‘mão’	
Forma absoluta <i>ãty</i>	
Forma relativa	
u-inhãty-gy	‘minha mão’
e-inhaty-gy	‘mão de você’
e-inhaty-gy-ko	‘mão de vocês’
∅-inhaty-gy	‘mão dele/dela’
∅-inhaty-gy-ko	‘mão deles/delas’
kuk-inhaty-gy	‘nossa mão(inclusivo)’
tis-inhaty-gy	‘nossa mão(exclusivo)’

‘pé’	
Forma absoluta <i>hygape</i>	
Forma relativa	
u-tapy-gy	‘meu pé’
a-tapy-gy	‘pé de você’
a-tapy-gy-ko	‘pé de vocês’
ku-tapy-gy	‘nosso pé (incl.)’
ku-tapy-gy-ko	‘nosso pé (inclusivo)’
ti-tsapy-gy	‘nosso pé (exclusivo)’
i-tsapy-gy	‘pé dele/dela’
i-tsapy-gy-ko	‘pé deles/delas’

Os exemplos seguintes incluem formas marcadas pelo coletivo tanto com referência aos determinantes quanto com referência aos determinados.

Forma absoluta- <i>ingu</i> ‘olho’	
Forma relativa	
u-ingu-gu 1-olho-CL.ARQ ‘meu olho’	e-ingu-gu 2-olho-CL.ARQ ‘olho de você’
e-ingu-gu-ko 2-olho-CL.ARQ-COL ‘olho de vocês’	∅-ingu-gu olho-CL.ARQ ‘olho dele/dela’
∅-ingu-gu-ko olho-CL.ARQ-COL ‘olho deles/delas’	kuk-ingu-gu 12(3)-olho-CL.ARQ ‘nosso olho(incl.)’
kuk-ingu-gu-ko 12(3)-olho-CL.ARQ-COL ‘nosso olho(inclusivo)’	tis-ingu-gu 13-olho-CL.ARQ ‘nosso olho(exclusivo)’

Forma Absoluta <i>ngakahu</i> ‘cabelo’	
Forma relativa	
u-ngakahu-gu 1-cabelo-CL.ARQ ‘meu cabelo’	a-ngakahu-gu 2-cabelo-CL.ARQ ‘cabelo de você’
a-ngakahu-gu-ko 2-cabelo-CL.ARQ-COL ‘cabelo de vocês’	∅-inhakahu-gu 3-cabelo-CL.ARQ ‘cabelo dele/dela’
∅-inhakahu-gu-ko 3-cabelo-CL.ARQ-COL ‘cabelo deles/delas’	ku-ngakahu-gu 12(3)cabelo-CL.ARQ ‘nosso cabelo(incl.)’
ku-ngakahu-gu-ko 12(3)cabelo-CL.ARQ-COL	ti-nhakahu-gu 13-cabelo-CL.ARQ

‘nosso cabelo(inclusivo)’	‘nosso cabelo(exclusivo)’
---------------------------	---------------------------

Forma absoluta <i>hanga</i> ‘orelha’	
<i>Forma relativa</i>	
u-hanga-gy 1-orelha-CL.CIR ‘minha orelha’	a-hanga-gy 2-orelha-CL.CIR ‘orelha de você’
a-hanga-gy-ko 2-orelha-CL.CIR-COL ‘orelha de vocês’	i-hanga-gy 3-orelha-CL.CIR ‘orelha dele/dela’
i-hanga-gy-ko 3-orelha-CL.CIR-COL ‘orelha deles/delas’	ku-panga-gy 12(3)- orelha-CL.CIR ‘nossa orelha(incl.)’
ku-panga-gy-ko 12(3)- orelha-CL.CIR-COL ‘nossa orelha(inclusivo)’	ti-hanga-gy 13-orelha-CL.CIR ‘nossa orelha(exclusivo)’

Forma absoluta <i>inata</i> ‘nariz’	
<i>Forma relativa</i>	
u-inata-gy 1-nariz-CL.CIR ‘meu nariz’	e-inata-gy 2-nariz-CL.CIR ‘nariz de você’
e-inata-gy-ko 2-nariz-CL.CIR-COL ‘nariz de vocês’	∅-inata-gy 3-nariz-CL.CIR ‘nariz dele/dela’
∅-inata-gy-ko 3-nariz-CL.CIR	kuk-inata-gy 12(3)-nariz-CL.CIR

‘nariz deles/delas’	‘nosso nariz(incl.)’
kuk-inata-gu-ko 12(3)-o-nariz-CL.CIR-COL ‘nosso nariz(inclusivo)’	tis-inata-gy 13-nariz-CL.CIR ‘nosso nariz(exclusivo)’

- **Relações de parentesco**

Forma absoluta <i>muku</i> ‘filho de homem’	
Forma relativa <i>-mu-</i> , <i>-ñu-</i>	
u-mu-gu 1-filho-CL.ARQ ‘meu filho’	e-mu-gu 2-filho-CL.ARQ ‘filho de você’
e-mu-gu-ko 2-filho-CL.ARQ-COL ‘filho de vocês’	ku-mu-gu 12(3)-filho-CL.ARQ ‘nosso filho ’ (homem) falando
ku-mu-gu-ko 12(3)-filho-CL.ARQ-COL ‘nosso filho (inclusivo, homem falando)’	ti-mu-gu 13-filho-CL.ARQ ‘nosso filho(exclusivo)’
i-nhu-gu 3-filho-CL.ARQ ‘filho dele’	i-nhu-gu-ko 3-filho-CL.ARQ-COL ‘filho deles’

A palavra para filho de homem tem duas formas, uma para a terceira pessoa *-nhu-* e outra para as demais pessoas *-mu-*.

A forma genérica de parte dos nomes de relações de parentesco é formada a partir da raiz, combinada com o prefixo de primeira pessoa inclusiva, cujo significado aproxima-se do

significado do português ‘a gente’, como em ‘casa da gente’. Desse modo, não é certo falarmos de forma absoluta desses nomes, mas de forma genérica. Observe-se que há nomes que possuem uma forma supletiva para a primeira inclusiva/absoluta, como é o caso da raiz para ‘sobrinho (filho da irmã de homem ou do irmão da mulher), exemplificado a seguir:

Forma relativa genérica <i>ku-paguyn</i> ‘sobrinho, filho da irmã de homem ou do irmão da mulher’	
Forma relativa <i>-hatuyn-</i>	
u-hatuyn-∅ 1-sobrinho-CL ‘meu sobrinho’	a-hatuyn-∅ 2-sobrinho-CL ‘sobrinho de você’
a-hatuyn-∅-ko 2-sobrinho-CL-COL ‘sobrinho de vocês’	i-hatuyn-∅ 3-sobrinho-CL ‘sobrinho dele/dela’
i-hatuyn-∅-ko 3-sobrinho-CL-COL ‘sobrinho deles/delas’	ku-paguyn-∅ 12(3)-sobrinho-CL ‘nosso sobrinho(incl.)’
ku-paguyn-∅-ko 12(3)-sobrinho-CL-COL ‘nosso sobrinho(inclusivo)’	ti-hatuyn-∅ 13-sobrinho-CL ‘nosso sobrinho(exclusivo)’

Forma relativa genérica <i>ku-pati</i> ‘filha da irmã do homem’	
Forma relativa <i>-hati-</i>	
u-hati-∅ 1-sobrinha-CL ‘minha sobrinha’	a-hati-∅ 2-sobrinha-CL ‘sobrinha de você’

a-hati- $\emptyset$ -ko 2-sobrinha-CL -COL 'sobrinha de vocês'	i-hati- $\emptyset$ 3-sobrinha-CL 'sobrinha dele/dela'
i-hati- $\emptyset$ -ko 3-sobrinha-CL-COL 'sobrinha deles/delas'	ku-pati- $\emptyset$ 12(3)-sobrinha-CL 'nossa sobrinha(incl.)'
ku-pati- $\emptyset$ -ko 12(3)-sobrinha-CL-COL 'nossa sobrinha(inclusivo)'	ti-hati- $\emptyset$ 13-sobrinha-CL 'nossa sobrinha(exclusivo)'

Forma relativa genérica <i>ku-payn</i> 'filho da irmã do pai' (homem ou mulher falando)	
Forma relativa <i>-hayn-</i>	
u-hayn- $\emptyset$ 1-primo-CL 'meu primo'	a-hayn- $\emptyset$ 2-primo-CL 'primo de você'
i-hayn- $\emptyset$ 3-primo-CL 'primo dele/dela'	i-hayn- $\emptyset$ -ko 3-prim-CL-COL 'primo deles/delas'
ku-payn- $\emptyset$ 12(3)-primo-CL 'nosso primo(incl.)'	ku-payn- $\emptyset$ -ko 12(3)-primo-CL-COL 'nosso primo(inclusivo)'
ti-hayn- $\emptyset$ 13-primo-CL 'nosso primo(exclusivo)'	

Forma relativa genérica <i>ku-pytisoho</i> ‘sogro de homem ou e mulher’	
Forma relativa <i>-hytisoho-</i>	
u-hytisoho-∅ 1-sogro-CL ‘meu sogro’	e-hytisoho-∅ 2-sogro-CL ‘sogro de você’
i-hytisoho-∅ 3-sogro-CL ‘sogro dele/dela’	i-hytisoho-∅-ko 3-sogro-CL-COL ‘sogro deles/delas’
ku-pytisoho-∅ 12(3)-sogro-CL-COL ‘nosso sogro(incl.)’	ku-pytisoho-∅-ko 12(3)-sogro-COL ‘nosso sogro(inclusivo)’
ti-hytisoho-∅ 13-sogro-CL ‘nosso sogro(exclusivo)’	

Outra observação importante é a de que, a forma genérica, como qualquer outra forma determinada, recebe sufixos classificadores, exceto quando o referente faz parte dos que não são classificados, como os quatro exemplos anteriores.

Forma relativa genérica <i>k-inti-sy</i> ‘filho de gente’	
Forma relativa <i>-inti-</i> ‘filha de homem e de mulher’	
u-inti-sy 1-filha-CL ‘minha filha’	e-inti-sy 2-filha-CL ‘filha de você’
e-inti-sy-ko 2-filha-CL-COL ‘filha de vocês’	∅-inti-sy 3-filha-CL ‘filha dele’
∅-inti-sy-ko 3-filha-CL-COL	kuk-inti-sy 12(3)-filha-CL

‘filha deles’	‘nossa filha(incl.)’
kuk-inti-sy-ko 12(3)-filha-CL.-COL ‘nossa filha(inclusivo)’	tis-inti-sy 13-filha-COL ‘nossa filha(exclusivo)’

- Nomes de Humores

Forma relativa genérica <i>ku-pinganku-gu</i> ‘suor’	
Forma relativa -hingakgu-	
u-hingakgu-gu 1-suor-CL.ARQ ‘meu suor’	e-hinganku-gu 2-suor-CL.ARQ ‘suor de você’
e-hinganku-gu-ko 2-suor-CL.ARQ-COL ‘suor de vocês’	i-hinganku-gu 3-suor-CL.ARQ ‘suor dele/dela’
i-hinganku-gu-ko 3-suor-CL.ARQ-COL ‘suor deles/delas’	kup-inganku-gu 12(3)-suor-CL.ARQ ‘nosso suor(incl.)’
kup-inganku-gu-ko 12(3)-suor-CL.ARQ-COL ‘nosso suor (inclusivo)’	ti-hinganku-gu 13-suor-CL.ARQ ‘nosso suor(exclusivo)’

Forma relativa genérica <i>k-ike-gy</i> ‘peido’	
Forma relativa -ike-	
u-ike-gy 1-peido-CL.CIR ‘meu peido’	e-ike-gy 2-peido- CL.CIR ‘peido de você’
e-ike-gy-ko 2-peido- CL.CIR-COL	s-ike-gy 3-peido- CL.CIR

‘peido de vocês’	‘peido dele/dela’
s-ike-gy-ko 3-peido- CL.CIR-COL ‘peido deles/delas’	kuk-ike-gy 12(3)-peido- CL.CIR ‘nosso peido(incl.)’
kuk-ike-gy-ko 12(3)-peido- CL.CIR-COL ‘nosso peido(inclusivo)’	tis-ike-gy 13-peido- CL.CIR ‘nosso peido(exclusivo)’

- **Objetos pessoais**

Forma absoluta hyge ‘flecha ou pênis’	
Forma relativa <i>-hy-ge</i>	
u-hy-gi 1-flecha-CL.CIR ‘minha flecha’	e-hy-gi 2-flecha- CL.CIR ‘flecha de você’
e-hy-gi-ko 2-flecha- CL.CIR-COL ‘flecha de vocês’	i-hy-gi 3-flecha- CL.CIR ‘flecha dele’
i-hy-gi-ko 3-flecha- CL.CIR -COL ‘flecha deles’	ku-py-gi 12(3)-flecha- CL.CIR ‘nossa flecha(incl.)’
ku-py-gi-ko 12(3)-flecha- CL.CIR -COL ‘nossa flecha(inclusivo)’	ti-hy-gi 13-flecha- CL.CIR ‘nossa flecha(exclusivo)’

Obsevamos que a palavra para “flecha” possui uma forma absoluta, e como a palavra para “pênis” é a mesma palavra para “flecha”, a forma absoluta vale para os dois significados, “flecha” e “pênis”, embora devam ser tratados como lexemas distintos.

O exemplo seguinte é análogo ao anterior, pois “cuia” nomeia o fruto da cuieira e o mesmo nome é usado para nomear o “objeto pessoal cuia”.

Forma absoluta <i>tuhenkinhy</i> ‘cuia’	
Forma relativa <i>-tuhenkinhy-</i>	
u-tuhenkinhy-gy 1-cuia-CL.CIR ‘minha cuia’	e-tuhenkinhy-gy 2-cuia-CL.CIR ‘cuia de você’
e-tuhenkinhy-gy-ko 2-cuia-CL.CIR-COL ‘cuia de vocês’	i-tuhenkinhy-gy 3-cuia-CL.CIR ‘cuia dele/dela’
i-tsühenkinhy-gy-ko 3-cuia-CL.CIR-COL ‘cuia deles/delas’	ku-tühenkinhy-gy 12(3)-cuia-CL.CIR ‘nossa cuia(incl.)’
ku-tühenkinhy-gy-ko 12(3)-cuia-CL.CIR-COL ‘nossa cuia(inclusivo)’	ti-tsühenkinhy-gy 13-cuia-CL.CIR ‘nossa cuia(exclusivo)’

O mesmo ocorre com as palavras para ‘cesto para carregar mandioca’ e para ‘faca’:

Forma absoluta <i>atau</i> ‘cesto para carregar mandioca’	
Forma relativa	
u-atau-gu 1-cesto-CL.ARQ ‘meu cesto’	∅-atau-gu 2-cesto-CL.ARQ ‘cesto de você’

<p>∅-atau-gu-ko 2-cesto-CL.ARQ-COL 'cesto de vocês'</p>	<p>is-atau-gu 3-cesto-CL.ARQ 'cesto dele/dela'</p>
<p>is-atau-gu-ko 3-cesto-CL.ARQ-COL 'cesto deles/delas'</p>	<p>kuk-atau-gu 12(3)-cesto-CL.ARQ 'nosso cesto(incl.)'</p>
<p>kuk-atau-gu-ko 12(3)-cesto-CL.ARQ-COL 'nosso cesto(inclusivo)'</p>	<p>tis-atau-gu 13-cesto-CL.CIR 'nosso cesto(exclusivo)'</p>

Forma absoluta <i>taho</i> 'faca'	
Forma absoluta	
<p>u-taho-gu 1-faca-CL.ARQ 'minha faca'</p>	<p>a-taho-gu 2-faca-CL.ARQ 'faca de você'</p>
<p>a-taho-gu-ko 2-faca-CL.ARQ-COL 'faca de vocês'</p>	<p>i-tsaho-gu 3-faca-CL.ARQ 'faca dele/dela'</p>
<p>i-tsaho-gu-ko 3-faca-CL.ARQ-COL 'faca deles/delas'</p>	<p>ku-taho-gu 12(3)-faca-CL.AR 'nossa faca(incl.)'</p>

ku-taho-gu-ko 12(3)-faca-CL.ARQ-COL 'nossa faca(inclusivo)'	ti-tsaho-gu 13-faca-CL.ARQ 'nossa faca(exclusivo)'
---	--

Forma genérica <i>ku-ky-gy</i>	
Forma relativa -y- 'machado'	
u-y-gy 1-machado-CL.CIR 'meu machado'	e-y-gy 2-machado-CL.CIR 'machado de você'
e-y-gy-ko 2-machado-CL.CIR-COL 'machado de vocês'	is-y-gy 3-machado-CL.CIR 'machado dele'
is-y-gy-ko 3-machado-CL.CIR-COL 'machado deles'	kuk-y-gy 12(3)-machado-CL.CIR 'nosso machado(incl.)'
kuk-y-gy-ko 12(3)-machado-CL.CIR-COL 'nosso machado(inclusivo)'	tis-y-gy 13-machado-CL.CIR 'nosso machado(exclusivo)'

- **Sentimentos**

Forma genérica <i>gekuilene</i> 'alegria'	
---	--

Forma relativa <i>-gekuity-</i>	
u-gekuity-gy 1-alegria-CL.CIR 'minha alegria'	e-gekuity-gy 2-alegria-CL.CIR 'alegria de você'
e-gekuity-gy-ko 2-alegria-CL.CIR-COL 'alegria de vocês'	is-ekuity-gy 3-alegria-CL.CIR  'alegria dele/dela'
is-ekuity-gy-ko 3-alegria-CL.CIR-COL  'alegria deles/delas'	ku-gekuity-gy 12(3)-alegria-CL.CIR 'nossa alegira (incl.)'
ku-gekuity-gy-ko 12(3)-alegria-CL.CIR -COL  'nossa alegria (inclusivo)'	tis-ekuity-gy 13-alegria-CL.CIR  'nossa alegria (exclusivo)'

Forma absoluta <i>kotonu</i> 'saudade'	
Forma relativa <i>-otonu-</i>	
u-otonu 1-saudade 'minha saudade'	∅-otonu 2-saudade 'saudade de você'
∅-otonu-ko 2-saudade-COL 'saudade de vocês'	is-otonu 3-saudade 'saudade dele/dela'

is-otonu-ko 3-saudade-COL 'saudade deles/delas'	kuk-otonu 12(3)-saudade 'nossa saudade (incl.)'
kuk-otonu-ko 12(3)-saudade-COL 'nossa saudade (inclusivo)'	tis-otonu 13-saudade 'nossa sdaudade (exclusivo)'

- **Sensações**

Forma genérica <i>k-atungu</i> 'calor'	
Forma relativa <i>-atungu</i>	
u-atungu 1-calor 'meu calor'	∅-aatungu 2-calor 'calor de você'
∅-aatungu-ko 2-calor-COL 'calor de vocês'	∅-atungu 2-calor 'calor dele/dela'
∅-atungu-ko 3-calor-COL 'calor deles/delas'	kuk-atungu 12(3)-calor 'nosso calor(incl.)'
kuk-atungu-ko 12(3)-calor-COL 'nosso calor (inclusivo)'	tis-atungu 13-calor 'nosso calor (exclusivo)'

## 2.3 NOMES PASSÍVEIS DE SEREM DETERMINADOS

Os nomes cujos referentes, em dadas situações, são suscetíveis de serem determinados, são os seguintes.

### **Nomes próprios**

Nomes próprios podem ser determinados quando proferidos em contextos familiares, expressando afetividade. Por exemplo, quando a mãe se refere a um filho ou filha sua:

u-kaman-sy

1-kaman-CL.

‘meu kaman’

### **Etnônimos**

Um etnônimo pode ser núcleo de uma relação de determinação nominal quando, por exemplo, se vive em uma certa comunidade e se passa a se sentir parte dela, mesmo sendo originalmente de outro povo. Assim, Mesmo tendo vivido junto com os Kamaiurá, mesmo sendo Nafukuá, pode-se dizer u-kamiurá-sy ‘Meu Kamaiurá, referindo-se ao povo’.

### **Intervalos temporais**

Em Nafukuá-Kalapálo, o nome do intervalo de tempo correspondente a um ciclo lunar vivido por alguém, assim como a parte do intervalo de um dia ou de uma noite, igualmente correspondido à vivência e aos feitos de alguém nesses períodos podem ser núcleo de construções expressando relações de determinação.

u-egoti-sy

1-dia-CL

‘meu dia’

u-ahuguti-ly (meu noite) ‘meu escurecer’

1-noite-aspec. pont

‘minha noite’

u-ngune-gy (meu mês)

1-lua-CL.CIR

‘minha lua’

É importante notar que, no último exemplo, não é o astro que é determinado, mas o intervalo temporal que o seu ciclo representa com respeito à vivência de alguém. Da mesma forma, as palavras que expressam noções de dia e de noite quando determinados correspondem à vivência. “meu dia” significa o intervalo de tempo com claridade do sol associado aos feitos de alguém nesse intervalo, o mesmo vale para minha “noite”.

### **Porções de elementos da natureza**

A água que existe na natureza é absoluta, mas a porção de água recolhida da natureza para alguém beber ou fazer outro uso dela, já em recipiente, passa a existir como parte de uma relação de pertence de quem a recolheu ou de quem a mandou recolher. Assim pode-se dizer ‘minha água’.

tuã            ‘água’            Forma Absoluta

u-na-gy        ‘minha água’    Forma Possuída

1-água-cl

A mesma coisa acontece com uma pedra. Desde que eu a tire de seu lugar natural e faça dela meu pertence ou instrumento. Da mesma forma, quando as crianças pegam da natureza pedrinhas para estilingue, estas são pertences dele.

u-tehu-gu kusygy  
 1-pedra-CL.ARQ DIM  
 ‘minha pedrinha’

### **Animais matados ou partes destes**

Animais matados por alguém para comida passam a ser pertences de quem os matou ou de quem os recebeu em troca de algo:

u-kanga-gy  
 1-peixe-CL.CIR  
 ‘meu peixe’

u-kajy-sy  
 1-macaco-CL  
 ‘meu macaco’

u-togokige-gy  
 1-algodão-CL.CIR  
 ‘meu algodão’

u-ahiti-sy  
 1-ururcum-CL  
 ‘meu urucum’

## **2.4 NOMES ABSOLUTOS**

Nomes absolutos são aqueles cujos referentes nunca são núcleos de uma construção que expressa relação de determinação, como são os casos dos nomes para trovão, raio, chuva,

céu, nuvem, nomes correspondentes a estações, como tempo de chuva, tempo de verão, plantas nativas, animais livres na natureza e vocativos.

Ressaltamos que água, pedra, areia, terra e tudo que está na natureza é inerentemente absoluto. Salvo nos casos já explicados anteriormente, porções de água, de terra, ou outros elementos da natureza, dela recolhidos podem ser núcleo de determinação nominal.

água (F. ABS. tuã)<sup>2</sup>

fumaça (F. ABS. gititse)

cinza (F. ABS. lumbe)

brasa (F. ABS. satugu)

nuvem (F. ABS. kambajaka)

vento (F. ABS. hite)

trovão (F. ABS. silu)

relampago (F. ABS. etihinhuki-ly, pisca de trovão)

chuva (F. ABS. kongohõ)

lama (F. ABS. tsokytsoky ou kululu)

praia (F. ABS. nhetune)

pedra (F. ABS. tehu)

morro (F. ABS. tandyponhokokinhy)

serra (F. ABS. atambape)

lagoa (F. ABS. ipa)

árvore (F. ABS. i)

estrela (F. ABS. kandinhoko)

lua (F. ABS. ngune)

casa (f.abs. ngyne)

sol (F. ABS. giti)

dia (F. ABS. egoti)

noite (F. ABS. koko)

manhã (F. ABS. mitote)

---

<sup>2</sup> Quando ainda está no rio, chamada 'tuã'. Mas depois de pegar água ou quando já está em casa, chamada de 'u-na-gy=minha água'.

tarde (F. ABS. kohotsi)

céu (f.abs. kahy)

### **NOMES DE ANIMAIS** (mamíferos)

NGENE ‘bicho’(n.genérico)

rato (F. ABS. umbe)

morcego (F. ABS. atsiji)

macaco (F. ABS. kajy)

onça (F. ABS. ekege)

veado (F. ABS. asã)

cutia (F. ABS. akugi)

tatu (F. ABS. kagutaha)

porco (F. ABS. heu)

anta (F. ABS. jali)

ariranha (F. ABS. tago)

cavalo (F. ABS. kauagu)

bói (F. ABS. tapigy)

macaco-preto (F. ABS. kahugu)

raposa (F. ABS. sógoko)

capivara (F. ABS. akygisa)

bicho-preguiça (F. ABS. aulati)

cachorro (F. ABS. katsogo)

pulga ( katsogo aygyn)

gato (F. ABS. nhaun)

tamanduá (F. ABS. agigi)

### **-NOMES DE AVES:**

ave (n. genérico. tolo)

arara (F. ABS. tahitse)  
mutum (F. ABS. kusu)  
jacu (F. ABS. agaty)  
beija-flor (F. ABS. pynhy)  
pombo (F. ABS. ataha)  
jacutinga (F. ABS. tyãla)  
coruja (F. ABS. akututu)  
bacurau (F. ABS. hokugeun)  
garça (F. ABS. ugisu)  
tuiuiu (F. ABS. akaga)  
gavião (F. ABS. toloku~egy)  
urubu (F. ABS. kuguagi)  
urubu-rei (F. ABS. uguhu)  
gaivota (F. ABS. kakanha)  
quero-quero (F. ABS. tegutegu)  
tucano (F. ABS. káhoko)  
pica-pau (F. ABS. tuluma)  
papagaio (F. ABS. kuaku)  
periquito (F. ABS. niyn)  
curica (F. ABS. kugitsaka)  
maritaca (F. ABS. kugitse)  
socó (F. ABS. onogogu)  
martim-pescador (F. ABS. ituga)  
ema (F. ABS. tõ)  
falco (F. ABS. tete) ‘pequeno gavião’  
pato (F. ABS. kohongo)  
marreco (F. ABS. anganga)  
gavião-carijó (F. ABS. hana)  
saracura-do-brejo (F. ABS. kotygy)  
siriema (F. ABS. hagagi)  
nhambu (f.abs. akã)

terra da gente (F. ABS. tsugotsugo)  
 bem-te-vi (F. ABS. tsitsahã)  
 jaçanã (F. ABS. kiki)  
 maritaca- verde (F. ABS. tiju)  
 araçari-mulato (F. ABS. hiji)  
 pica-pau-verde (F. ABS. agapaua)  
 colhereiro, ajaja ajaja (F. ABS. kyngi)  
 galo (F. ABS. kakaga)  
 galinha (F. ABS. kakaga itão)

### **-NOMES DE RÉPTEIS:**

jacaré (F. ABS. talinga)  
 lagartixa (F. ABS. onho)  
 sapo- cururu (F. ABS. pagapaga)  
 rã (F. ABS. yã?yã)  
 calango- do- cerrado (F. ABS. uituhulu)  
 calango verde (F. ABS. sangagy)  
 tracajá (F. ABS. hikutaha)  
 cágado (F. ABS. agaige)  
 jabuti (F. ABS. ajue)  
 surucucu (F. ABS. ugukuku)  
 cascavel (F. ABS. tankuinhy)  
 jararaca (F. ABS. tugenge)  
 sucuri (F. ABS. konto)

### **NOMES DOS INSETOS:**

louva-a-deus (F. ABS. nutãintsu)  
 borboleta (F. ABS. hótoto)

gafanhoto (n. genérico, taki)

Exemplos de nomes das espécies des gafanhotos que existem no Xingu, mas não encontramos correspondência em português.

(F. ABS. eteyga) ‘

(F. ABS. tagata)

(F. ABS. katsimby)

(F. ABS. akuasa)

(F. ABS. aygygo)

(F. ABS. sepilu)

(F. ABS. jali hugoke)

(F. ABS. kugupa)

grilo (F. ABS. tsigitsigi)

maria-fedida (F. ABS. áhugutsi)

libélula (F. ABS. dudungi)

cigarra (F. ABS. kye)

## **2.5 NOMES ABSOLUTOS MEDIATIZÁVEIS**

Há uma subclasse de nomes absolutos que ocorre como atributo de nomes relativos genéricos, aqui chamados de nomes classificadores de tipos de pertences. Esses nomes absolutos, como não podem ocorrer como núcleo, as relações de dependência entre eles e um determinante passam a ser exercidas por um nome classificador genérico de pertence, enquanto que o nome absoluto exerce uma função de especificador do referente do nome genérico. São estes nomes de animais domesticados, cozidos, fritos, moqueados, assados.

Quando um animal é domesticado, ou preparado para ser comido, já pode constituir uma construção de determinação nominal, mas no papel de atributo.

u-tolo-gu                    katsogo  
 1-xerimbabo-CL.ARQ cachorro  
 ‘meu cachorro’

∅-ugu                    kine  
 1-comida                beiju  
 ‘meu beiju’ (beiju que vou comer)

Os nomes classificadores serão tratados mais adiante.

## 2.6 ATENUAÇÃO E INTENSIFICAÇÃO DOS REFERENTES DOS NOMES

Em Nafukuá-Kalapálo, os referentes dos nomes podem ser atenuados ou intensificados. A atenuação se dá por meio do morfema *kusygy*, posposto ao nome, como mostram os exemplos seguintes:

### ATENUATIVO

i kusygy	‘plantinha’ (arvorezinha)
sahundu kusygy	‘tucunarezinho’
uagiti kusygy	‘matrinchãzinho’
taho kusygy	‘faquinha’
ngyne kusygy	‘casinha’
toto kusygy	‘hominho’
ipa kusygy	‘lagoinha’
itãõ kusygy	‘mulherzinha’
kangamunke kusygy	‘menininho’
kanga kusygy	‘peixinho’
ekege kusygy	‘oncinha’
kadehenu kusygy	‘caderninho’

computador kusygy	‘computadorzinho’
celular kusygy	‘celularzinho’
unke kusygy	‘bebezinho’

Os exemplos seguintes contêm, o sufixo do aspecto retrospectivo *-pe* (cf. Sessão 2.7) combinado com o morfema atenuativo:

i kusygy-pe	‘ex- antinha’
sahundu kusygy-pe	‘ex-tucunarezinho’
uagiti kusygy-pe	‘ex-matrinchãzinho’
taho kusygy-pe	‘ex-faquinha’
ngyne kusygy-pe	‘ex-casinha’
toto kusygy-pe	‘ex-hominho’
ipa kusygy-pe	‘ex-lagoinha’
itãõ kusygy-pe	‘ex-mulherzinha’
kangamunke kusygy-pe	‘ex-menininho’
kanga kusygy-pe	‘ex-peixinho’
ekege kusygy-pe	‘ex-oncinha’
kadehenu kusygy-pe	‘ex-caderninho’
computador kusygy-pe	‘ex-computadorzinho’
celular kusygy-pe	‘ex-celularzinho’
unke kusygy-pe	‘ex-bebezinho’

## INTENSIVO

Os referentes dos nomes, quando intensificados, o são por meio do morfema *hehuguly*, posposto ao nome:

i hehuguly	‘plantona’ (árvore grande)
sahundu hehuguly	‘tucunarezão’
uagiti hehuguly	‘matrinchãzona’

taho hehuguly	‘facão’
ngyne hehuguly	‘casona’
toto hehuguly	‘homenzarrão’
ipa hehuguly	‘lagoazona’
itãõ hehuguly	‘mulherona’
kangamunke hehuguly	‘meninão’
kanga hehuguly	‘peixão’
ekege hehuguly	‘onçozona’
kadehenu hehuguly	‘cadernão’
computador hehuguly	‘computadorzão’
unke hehuguly	‘bebezão’

i hehuguly-pe	‘ex-antona’
sahundu hehuguly-pe	‘ex-tucunaresão’
uagiti hehuguly-pe	‘ex-matrinchãzona’
taho hehuguly-pe	‘ex-facão’
ngyne hehuguly-pe	‘ex-casona’
toto hehuguly-pe	‘ex-homensão’
ipa hehuguly-pe	‘ex-lagona’
itãõ hehuguly-pe	‘ex-mulherona’
kangamunke hehuguly-pe	‘ex-meninão’
kanga hehuguly-pe	‘ex-peixão’
ekege hehuguly-pe	‘ex-onçona’
kadehenu hehuguly-pe	‘ex-cadernão’
computador hehuguly-pe	‘ex-computadorzão’
unke hehuguly-pe	‘ex-bebesona’

Em alguns casos, a intensificação é feita por meio do morfema *kuêgy* posposto ao nome. Alguns exemplos do seu uso são dados abaixo:

kusu kuēgy	‘mutum-bico-vermelho’
kajy kuēgy	‘bugio’
kanga kuēgy	‘jau’
tolo kuēgy	‘gavião-real’
katsogo kuēgy	‘lobo’
tuã kuēgy	‘mar’
i kuēgy	‘árvore grande que não pode ser mexida’
uagiti kuēgy	‘tipo de matrinchã que não pode ser comida’
itãõ kuēgy	‘mulher que se transformou em bicho’
ekege kuēgy	‘onça difícil de encontrar’
ito huēgy	‘fogo da natureza’
eke huēgy	‘cobra bem grande’
heu kuēgy	‘queixada do mato que tem pintura’ <sup>3</sup>

No entanto, o significado do morfema *kuēgy* parece ser o de indicar que o referente do nome modificado é exótico ou ausente da vida cotidiana dos Nafukuá-Kalapálo, e apenas incidentalmente coincide com uma leitura em que o nome modificado poderia ser visto como um aumentativo ou forma intensiva do nome base. Por exemplo, *tahitse* é o termo utilizado para se referir a ‘arara-azul’, ao passo que *tahitse kuēgy* refere-se a ‘arara-vermelha’. A distinção crucial entre as duas reside no fato de que a segunda é um tipo exótico que não existe no Xingu. No caso de *tuã kuēgy*, ‘mar’, o que se indica não é o tamanho do mar relativo aos rios, mas o caráter estranho da água salgada do mar, por oposição a água doce dos rios.

## 2.7 ESTADO DE EXISTÊNCIA DOS REFERENTES DOS NOMES

Os nomes em Nafukuá-Kalapálo se combinam com morfemas que situam o estado de existência de seus respectivos referentes enquanto atuais, retrospectivos ou prospectivos. Um nome cujo referente já não existe no contexto enunciativo, recebe o sufixo *-pe*, mas se é

<sup>3</sup> O morfema *kuēgy* aparece como *huēgy* quando modificando alguns nomes específicos, como é o caso de *eke* ‘cobra’ e *ito* ‘fogo’.

projetado, recebe o sufixo *-ingo*. Sendo o estado de existência atual, não recebe marca aberta, o que representamos por  $\emptyset$ .

*-pe* uajope /u-ajo-pe/ ‘minha/meu ex-namorada/namorado’ (retrospectivo)

*-ingo* uajoingo /u-ajo-ingo/ ‘minha/meu futura/futuro namorada/namorado’(projetivo)

$\emptyset$  uajo /u-ajo- $\emptyset$ / ‘minha/meu namorada/namorada (agora, na atualidade)’ (Atual)

Outros exemplos:

ukangagy itsopygy-pe ‘meu ex-futuro peixe’  
(o que ia ser meu peixe, mas outra pessoa carregou’

utahakugu itsopygy-pe ‘ meu ex-futuro arco’  
( o que ia ser meu arco, mas quebrou-se)

uanhagy itsopygy-pe ‘meu ex-futuro caminho’  
(o que ia ser meu caminho,mas não quis mais abrir).

uingy-pe tu-ny-gy uheke uhay inha  
‘eu dei minha roupa para o meu primo’  
( a roupa que dei para ele, não vai devolver mais para mim)’

uengy-pe higei celulai ‘ Esse daqui meu ex-celular’  
( esse daqui celular era é meu).

ukangagy-pe ‘meu ex-peixe’  
(o peixe que eu pesquei ).

u-ygynu-pe leha t-etsimby-ki/t-etsuhu-ki  
‘minha doença já acabou, já passou’.<sup>4</sup>

u-tolo-gu-pe leha tihí ‘meu ex-pássaro já fugiu’.<sup>5</sup>

u-tolo-gu-pe leha tapyngi ‘meu ex-pássaro já morreu’  
(o pássaro que eu tinha já morreu).

kanga-pe leha tagi uheke ‘eu já joguei peixe’.<sup>6</sup>

<sup>4</sup> O termo (*uygynupe*) acabou o meu estado de ficar doente e não estou mais doente, já estou normal.

<sup>5</sup> Tolo (pássaro); u-tolo-gu, significa “é meu pássaro”. Quando eu digo (*u-tolo-go-pe*) “meu ex- pássaro, o que foi meu pássaro”. Mas já está com outra pessoa e já fugiu no mato ou já morreu.

<sup>6</sup> Falo *kangape leha tagi uheke* (*kangape*) “o peixe que eu joguei para fora”, não vai ser comida mais, pois já estragou ou já estava apodrecido.

Kaman-pe leha tinhompisi/togopisi ‘Kaman já voltou’  
(quando acontece alguma coisa com a pessoa)

## 2.8 Coletivo

Nomes em Nafukuá, se possuem referentes contáveis, e são mais de um, recebem o coletivizador *-ko*.

Alguns exemplos são:

Itãõ-ko e-tinpe-ly  
Mulher-COL 3-chegar-ASPEC. PONT  
‘a mulherada chegou’

Toto-ko e-tinpe-ly  
Homem-COL 3-chegar-ASPEC. PONT  
‘os homens chegaram’

e-inhaty-gy-ko  
2-mão-CL.CIR-COL  
‘mão de vocês’

ku-tapy-gy-ko  
12-pé-CL.CIR-COL  
‘pés de vocês’

kangá-ko  
peixe-COL  
‘peixes’

Itãõ-ko  
mulher-COL  
‘mulherada’

## CAPÍTULO 3 - CLASSIFICAÇÃO NOMINAL EM NAFUKUÁ-KALAPÁLO

Neste capítulo, descrevemos dois modos como a língua Nafukuá-Kalapálo classifica os referentes dos nomes. O primeiro deles é um sistema de classificadores que classifica os referentes dos nomes em classes, caracterizando-os quanto à forma, dimensão, consistência e parentesco. O segundo consiste em classificadores genéricos que, além de mediarem relações de determinação entre um determinante e um nome de referente absoluto, classifica este referente quanto à natureza do pertence. Mostramos que esses dois sistemas de classificação são semanticamente motivados e são chave para o conhecimento de como os Nafukuá-Kalapálo veem os seres espacialmente e socialmente em seu universo cultural.

### 3.1 CLASSIFICADORES DE NOMES EM CONSTRUÇÕES POSSESSIVAS

Os classificadores do Nafukuá-Kalapálo são sufixos que marcam nomes de referentes relativos, classificando-os quanto à sua forma, dimensão, consistência e status de parentesco. Por só se combinarem com esse tipo de nomes e nas construções em que estes são núcleo de uma relação de determinação nominal, os nomeamos de genitivos possessivos (ver também CABRAL, URAAN SURUÍ, KAMAN NAHUKUA e MAKKAULAKA MEHINAKU, 2014). Exemplificamos, em seguida, os classificadores possessivos do Nafukuá-Kalapálo.

#### CLASSIFICADORES DE FORMA

**Classificador -tsy.** Classifica seres vistos como capilares, desfiáveis, compostos de fios, pelos, ou que nascem como pelos, mas cuja imagem lembra um aglomerado ocupando um espaço definido de uma área:

u-ikypi-tsy

1-barba-CL.PEL

‘minha barba’

u-ijatapi-tsy

1-sovaco- CL.PEL

‘meu sovaco’

u-inapi-tsy

1-nariz-CL.PEL

‘pelo do meu nariz’

u-inpuhi-tsy

1-pubis-CL.PEL

‘meu pelo pubiano’

Embora os exemplos precedentes sugiram uma mera composição de dois nomes, em que o primeiro determina o segundo, os exemplos seguintes demonstram que *-tsy* tem função classificatória.

u-lakumi-tsy

1-tornozeleira-CL.PEL

‘minha tornozeleira’

u-kami-tsy

1-embira-CL. PEL

‘minha embira’

u-heĩ-tsy

1-cinto.de.palha.de.buruti-CL. PEL

‘meu cinto de palha de buriti’

u-byngai-tsy

1-bracelete-CL. PEL

‘meu bracelete’

Uraan byngai-tsy

Nom.prop. bracelete-CL. PEL

‘bracelete de Uraan’

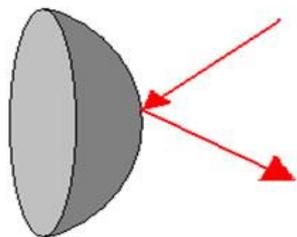
u-imyhuĩ-tsy

1-acne-CL. PEL

‘minha acne’

Com estes exemplos, vemos que o morfema *-tsy* exerce uma função incontestavelmente classificatória. Note-se que o nome ‘acne’ pertence à classe *-tsy*, porque nasce ou desponta na pele como pelos.

**Classificador –gu.** Classifica referentes percebidos como arqueados, convexos:



u-ehu-gu

1-canoa-CL.ARQ

‘minha canoa’

u-tahaku-gu

1-arco-CL.ARQ

‘meu arco’

u-taho-gu

1-faca-CL.ARQ

‘minha faca’

u-tuhu-gu

1-costas-CL.ARQ

‘minhas costas’

u-hũ-gu

1-nuca-CL.ARQ

‘minha nuca’

u-tehu-gu

1-barriga-CL.ARQ

‘minha barriga’

u-hu-gu

1-bund

a-CL.ARQ

‘minha bunda’

u-kango-gu

1-pomo de adão-CL.ARQ

‘meu pomo de adão’

u-egipogu-gu

1-cotovelo-CL.ARQ

‘meu cotovelo’

O exemplo seguinte mostra como a cultura Nahukuá-Kalapálo percebe o cabelo. Este é visto como algo que contorna as curvas da cabeça, da testa, dos ombros, das costas, dos seios, enfim, contornando o corpo.

u-ngakahu-gu

1-cabelo-CL.ARQ

‘meu cabelo’

O sangue, a lágrima, o suor são também vistos como o cabelo, contornando as curvas do corpo por onde rolam:

u-ingaku-gu

1-lágrima-CL.ARQ

‘minha lágrima’

No caso da urina, esta é classificada na classe dos convexos arqueados tanto porque se comporta como qualquer humor líquido, como quando expelido sem tocar no corpo, pois seu jato tem forma curva, arqueada, convexa.

u-gitsu-gu

1-urina-CL.ARQ

‘minha urina’

Ø-úngu-gu

1-sangue-CL.ARQ

‘meu sangue’

O bicho de estimação é também visto culturalmente como arqueado, é algo que se abraça, que se coloca na tipoia:

u-tolo-gu

1-xerimbabo-CL.ARQ

‘meu bicho de estimação’

Alguns animais também são vistos como relacionados a formas arqueadas, como a coruja, o pato, a borboleta:

u-kohongo-gu

1-pato-CL.ARQ

‘meu pato’

O nome filho (de homem e de mulher) também recebe o classificador *-gu*. São vistos da mesma forma que os animais de criação, pois são cuidados, abraçados e protegidos, levados na tipóia. Um animal de estimação ou uma criança na tipóia corresponde à uma forma arqueada.

u-mu-gu

1-filho-CL.ARQ

‘meu filho (de homem)’

**Classificador** *-ngy ~-ngu*. Classifica referentes percebidos como protetor, invólucro, que veste, que abrange, que abarca, que toma conta de:

u-tapy-gy-i-ngy

1-pé-CL.CIR-CL.INV

‘meu sapato’

u-i-ngy

1-roupa-CL.INV

‘minha roupa’

Os nomes ‘doença’, ‘sono’ e ‘calor’ pertencem a essa classe, pois são vistos como estados e sensações que tomam conta, abarcam ou possuem os seres.

u-kugihy-ngy

1-doença-CL.INV

‘minha doença’

u-atu-ngu

1-calor-CL.INV

‘meu calor’

∅-u-itu-ngu

1-sono-CL.INV

‘meu sono’

O nome “braço” também é visto como invólucro, pois é o que abraça.

u-ĩku-ngu

1-braço-CL.INV

‘meu braço’

A alomorfa *-ngy* ~ *-ngu* é fonologicamente condicionada: *-ngy* se combina com temas que contêm *y* e *-ngu* com temas que não contêm essa vogal.<sup>7</sup>

O tema para roupa se combina com *-ngu*, muito provavelmente por analogia a sapato, pois os dois são vestimentas, uma do pé e outra do corpo.

---

<sup>7</sup> Franchetto (1995: 71-72) observa que “As formas do sufixo REL *-gu* e *-gü* são fonologicamente condicionadas. A primeira é determinada por assimilação, pelo espriamento do traço [labial] da última vogal do radical, enquanto *-gy* é a forma default  
 1. u-inhatü-gü “minha mão”  
 u-muku-gu “meu filho (mulher falando)”  
 u-tolo-gu “meu animal de estimação”

**Classificador –sy.** Classifica referentes vistos como finos, os quais podem ser também sinuosos ou em forma de espiral:

u-akuje-sy

1-agulha-CL

‘minha agulha’

u-hiu-sy

1-fio-CL

‘meu fio’

u-igati-sy

1-lábio-CL

‘meu lábio’

u-kohoda-sy

1-corda-CL

‘minha corda’

u-huti-sy

1-perna-CL

‘minha perna’

O nome arraia recebe o classificador –sy por seu ferrão ser análogo a uma perna:

u-tihagi-sy

1-arraia-cl. fino

‘Minha arraia’



u-iku-sy

1-pintura-CL

‘minha pintura’

A pintura corporal é feita por meio de traços finos e ou sinuosas.

u-pynhy-sy

1-beija-flor-CL

‘meu beija-flor’



O bico do beija-flor é fino e sinuoso, assim como o rabo do macaco.

u-kajy-sy

1-macaco-CL

‘meu macaco’



Objetos culturais emprestados de outras culturas também são classificados na classe –*sy se*, sua característica saliente for a de possuir fio, como ocorre com as palavras adotadas do português ‘celular’ e ‘computador’.

u-celula-sy

1-celular-CL

‘meu celular’

u-computado-sy

1-computador-CL

‘meu computador’

O rabo do cavalo é a característica que o faz ser incluído na classe –*sy*. Mas isso depende do físico do cavalo, ou da forma em que ele se encontra. Pode também ser classificado com –*gu*, se a palavra cavalo é usada em processo de code-switching, e visto como algo arqueado, convexo (Kaman Nahukua e Cabral, em preparação). Entretanto, quando usado como empréstimo, já cristalizado, é classificado como a cultura Nahukuá-Kalapálo o adota, como algo sinuoso.

u-kauagu-sy

1-cavalo-CL.fin

‘meu cavalo’

u-cavalo-gu

1-cavalo-CL.ARQ

‘meu cavalo’



O mesmo ocorre com o nome para tamanduá. Se usado o nome em Português é classificado por *-gu*:

tamanduá-gy

tamanduá-CL.ARQ

‘tamanduá

Mas na cultura Nahukwá recebe *-sy*:

u-agigi-sy

1-tamanduá-CL

‘meu tamanduá’



**Classificador** *-gy*. Classifica as coisas, sentimentos e sensações arredondadas, circulares e/ou circunscritas”

u-nta-gy

1-boca-CL.CIR

‘minha boca’

u-hanga-gy

1-orelha-CL.CIR

‘minha orelha’

u-inata-gy

1-nariz-CL.CIR

‘meu nariz’

u-angaty-gy

1-seio-CL.CIR

‘meu seio’

u-anke-gy

1-maracá-CL.CIR

‘meu maracá’

u-bola-gy

1-bola-CL.CIR

‘minha bola’

u-y-gy

1-machado-CL.CIR

‘meu machado’

u-iti-gy

1-rede-CL.CIR

‘minha rede’

u-i-gy

1-árvore/lenha-CL.CIR

‘minha lenha’

u-ikohy-gy

1-pilão-CL.CIR

‘meu pilão’

u-panana-gy

1-banana-CL.CIR

‘minha banana’

∅-ugake-gy

1-poraquê-CL.

‘meu poraquê’

u-intse-gy

1-pequi-CL.CIR

‘meu pequi’

u-ãỹ-gy

1-piolho-CL.CIR

‘meu piolho’

u-hikutaha-gy

1-tracajá-CL.CIR

‘minha tracajá’

u-ike-gy

1-peido-CL.CIR

‘meu peido’ (o peido é circular porque sai de um orifício circular)

u-gekuity-gy

1-alegria-CL.CIR  
 ‘minha alegria’

**Classificador –ly.** Classifica referentes percebidos como semi-circulares.

u-í-ly  
 1-COL ar-CL.CIR  
 ‘qualquer enfeite em torno do pescoço’

u-ahukúgu-ly.  
 1-panela- CL.CIR  
 ‘minha panela’ (os Nafukuá-Kalapálo não fazem panela, as obtêm dos Mehinaku)

u-ýgy-ly  
 1-anzol-cl  
 ‘meu anzol’

**Classificador -∅.** Há a classe de nomes de circunstâncias –lugar, instrumento –, alguns termos de parentesco, como os termos para pai, mãe, e outros nomes que recebem o classificador -∅:

u-aka-to-ho-∅  
 1-banco-nom-CL.CIRC  
 ‘meu banco’

u-tuhi-nha-ho-∅  
 1-roça- nom-CL.CIRC  
 ‘meu roçado’ u-tuhi-nha-ly(que fica na minha roça)

u-eku-to-ho-∅

1-porto- nom-CL.CIRC

‘meu porto’ u-ekgu-ly(eu aporte/encostar)

u-nakango-ho-∅

1-banhar- nom-CL.CIRC

‘meu lugar de tomar banho’

u-ynky-to-ho-∅

1-dormir- nom-CL.CIRC

‘meu lugar de dormir’

u-tinguhe-to-ho-∅

1- estudar- nom-CL.CIRC

‘meu lugar de estudo’

u-tahehi-tso-ho-∅

1-escrever-nom-CL.CIRC

‘meu lugar de escrever’

O nome para sogro e sogra expressa o respeito que o genro ou a nora sente por eles. Esse nome tem como núcleo a palavra para respeito que também se associa a vergonha:

u-hyti-soho-∅

1-respeito-nom-CL.CIRC

‘meu sogro ou minha sogra’, literalmente ‘meu lugar de respeito’

**Classificador –ty.** Classifica partes do corpo culturalmente salientes, palavra nome, o que individualiza e caracteriza um indivíduo. Chamamos provisoriamente este classificador de classificador personificador. Trata-se de um classificador da persona, intransferível, como, as

minhas fezes, que só podem ser feitas por mim e que revela o que como e como alguém se individualiza organicamente e fisicamente.

u-i-ty

1-fezes-CL.PERS

‘minhas fezes’

u-inhuti-ty

1-testiculo- CL.PERS

‘meu testículo’

u-hi-ty

1-coxa- CL.PERS

‘minha coxa’

u-itsoji-ty

1-canela- CL.PERS

‘minha canela’

u-imy-ty

1-cara- CL.PERS

‘minha cara’

u-ati-ty

1-parte.de.trás.do.joelho- CL.PERS

‘parte de trás do meu joelho’

u-hini-ty

1-meio da testa- CL.PERS

‘meio da minha testa’

u-ka-ty

1-gordura- CL.PERS

‘minha gordura’

u-honi-ty

1-umbigo- CL.PERS

‘meu umbigo’

u-engi-ty

1-veia- CL.PERS

‘minha veia’

u-iti-ty

1-nome- CL.PERS

‘meu nome’

### **Sobre a classificação de certos nomes de parentesco**

É interessante notar que os termos que nomeiam relações de parentesco estão distribuídos nas classes, mas o que os relaciona às suas respectivas classes são motivações de natureza metafórica.

Termos de parentesco como “avô”, “irmão” e “cunhado” entram na classe –gy ‘circunscrito, redondo’

u-ngaũpy-gy

1-avô-CL.CIR

‘meu avô’

u-hisuỹ-gy

1-irmão-CL.CIR

‘meus irmãos’

u-hameti-gy

1-cunhado-CL.CIR

‘meu cunhado’

Note-se que “meus irmãos”, incluindo homens e mulheres, pertencem também à classe –gy, pois são vistos como conjunto, como circunscrito.

Já “minha avó” entra na classe dos capilares, peludos, que nascem como pelos.

u-ngitsy-∅

1-avó- CL.CIR

‘minha avó’

Ressaltamos que a avó é guardada com uma imagem de mulher tradicional, com cabelos grandes e zeladora dessa tradição, assim como do tratamento do cabelo de acordo com os rituais, por exemplo, o ritual do luto, em que se deixa o cabelo crescer e só pode ser cortado, inclusive a tradicional franja, depois de passado o luto.

### **Sobre outros empréstimos culturais**

Vimos que empréstimos como celular e computador são classificados na classe dos que são percebidos como finos, fios. Os classificadores são tão produtivos que todo empréstimo entra em uma classe, de acordo com as características deles que são culturalmente percebidas pelos Nafukuá-Kalapálo. Assim, a ‘cueca’ entra na classe dos circunscritos; já “calção” entra na classe dos arqueados por associação a ‘bunda’.

u-kueka-gy

1-cueca-CL.CIR

‘minha cueca’

u-kasaũ-gu

1-calção-CL.ARQ

‘meu calção’

### **Nomes genéricos classificadores**

O segundo tipo de classificador do Nafukuá-Kalapálo é o classificador genérico que media relações de determinação nominal envolvendo nomes absolutos. Identificamos oito nomes classificadores genéricos em Nafukuá-Kalapálo:

*ingy* ‘invólucro’

u-*ingy* camisa

1-cl.INV camisa

‘meu invólucro camisa’

u-*huti-sy ingy* jeans

1-perna-CL.INV jeans

‘invólucro da minha perna jeans’

u-*tapy-gy ingy* tênis

1-pé-CL.CIR.INV tênis

‘invólucro do meu pé tênis’

u-*inhaty-gy ingy* luva

1-mão-CL.CIR INV luva

(coberta da minha mão) ‘minha luva’

-*ugu* ‘alimento que se come mastigando’

∅-*ugu kine*

1-comida beiju

‘meu beiju’ (beiju que vou comer)

Ø-ugu intse

1-comida pequi

‘meu pequi’(pequi que vou comer)

Ø-ugu nhinga

1-comida castanha de pequi

‘minha castanha’(castanha que vou comer)

-oku ‘genérico de mingau’

u-okú-gu kuigiku

1-mingau-CL.ARQ

‘meu mingau de mandioca brava’

Mingau recebe a marca de ARQ porque dentro do recipiente ele fica em uma forma arqueada.

u-okú-gu tilisinhy

1-mingau-CL.ARQ mingau de mandioca

‘meu mingau de beiju’

u-okú-gu intsene

1-mingau-CL.ARQ polpa de pequi

‘meu mingau de pequi’

u-okú-gu meisahalu

1-mingau-CL.ARQ mandioca doce

‘meu mingau de mandioca doce’

u-okú-gu tyhekinga

1-mingau-CL.ARQ mingau de milho

‘meu mingau de milho’

u-okú-gu suco

1-mingau-CL.ARQ suco

‘meu suco’

*-ngitsy* ‘comida que se chupa ou se lambe’

u-ngitsy-gy manga

1-chupado-CL.CIR manga

‘minha manga’

u-ngitsy-gy laranja

1-chupado-CL.CIR laranja

‘minha laranja’

u-ngitsy-gy katuga

1-chupado-CL.CIR mangaba

‘minha mangaba’

u-ngitsy-gy kuhugu

1-chupado-CL.CIR macaúba

‘minha macaúba’

u-ngitsy-gy tamatama

1-chupado-CL.CIR

‘minha ingá’

u-ngitsy-gy sorvete

1-chupado-CL.CIR sorvete

‘meu sorvete’

u-ngitsy-gy balinha

1-chupar-CL.CIR balinha

‘minha balinha’

Há outras duas palavras para comida –*inhango* e –*otu*. –*inhango* se refere a todas as comidas e –*otu* se refere a comida já servida, já no prato:

u-inhango-∅ kuigiñu

1-comida-CL povilho

‘meu alimento básico povilho’

u-otu kanga

1-comida no prato “peixe”

‘minha porção de peixe (já no recipiente)’

–*tolo* ‘animal de estimação xerimbabo’. *Tolo* classifica todo animal que pode servir de xerimbabo para os Nafukuá-Kalapálo

u-tolo-gu katsogo

1-xerimbabo-CL.ARQ cachorro

‘meu bicho de estimação cachorro’

u-tolo-gu tahitse

1-xerimbabo-CL.ARQ arara

‘meu bicho de estimação arara’

u-tolo-gu kajy

1-bicho de estimação macaco

‘meu bicho de estimação macaco’

u-tolo-gu akugi

1-bicho de estimação cotia  
 ‘meu bicho de estimação cotia’

u-tolo-gu kahi  
 1-bicho de estimação quati  
 ‘meu bicho de estimação quati’

u-tolo-gu hikutaha  
 1-bicho de estimação tracajá  
 ‘meu bicho estimação tracajá’

u-tolo-gu ajue  
 1-bicho-CL.ARQ jabuti  
 ‘meu bicho de estimação jabuti’

*-ngiko* ‘genérico coisa’. Este genérico classifica coisas em geral. Note-se que o genérico –  
*engiko* é sempre marcado por *-gu*, pois a coisa passa a pertence, como os animais de  
 estimação e tudo que se tem em sua posse.

u-engiko-gu calça  
 1-coisa-CL.ARQ calça  
 ‘minha coisa calça’

u-engiko-gu computador  
 1-coisa-CL.ARQ computador  
 ‘minha coisa computador’

u-engiko-gu tahaku  
 1-coisa-CL.ARQ arco  
 ‘minha coisa arco’

u-engiko-gu hyge  
1-coisa-CL.ARQ flecha  
'minha coisa flecha'

u-engiko-gu tênis  
1-coisa-CL.ARQ tênis  
'minha coisa tênis'

u-engiko-gu sobounete  
1-coisa-CL.ARQ  
'minha coisa sabonete'

u-engiko-gu sobo   
1-coisa-CL.ARQ sabão  
'minha coisa sabão'

u-engiko-gu kaderrenu  
1-coisa-CL.ARQ caderno  
'minha coisa caderno'

u-engiko-gu televisão  
1-coisa-CL.ARQ televisão  
'minha coisa televisão'

u-engiko-gu tuahi  
1-coisa-CL.ARQ esteira  
'minha coisa esteira'

u-engiko-gu etige  
1-coisa-CL.ARQ rede  
'minha coisa rede'

u-engiko-gu mala

1-coisa-CL.ARQ mala

‘minha coisa mala’

u-engiko-gu celular

1-coisa-CL.ARQ celular

‘minha coisa celular’

u-engiko-gu kandoho

1-coisa-CL.ARQ banco

‘minha coisa banco’

u-engiko-gu leku

1-coisa-CL.ARQ cocar

‘minha coisa cocar’

u-engiko-gu ontakumi

1-coisa-CL.ARQ pulseira

‘minha coisa pulseira’

u-ehu-gu kusygy

1-canoa-CL.ARQ DIM

‘minha canoinha’

u-tahaku-gu kusygy

1-arco-CL.ARQ DIM

‘meu arquinho’

u-kadehenu-sy kusygy

1-caderno-CL DIM

‘meu caderninho’

u-y-ngy kusygy

1-?-casa DIM

‘minha casinha’

u-engiko-gu kusygy

1-coisa-CL.ARQ DIM

‘minha coisinha’

### **Nominalizações de paciente**

Além dos lexemas classificadores genéricos, todo verbo transitivo pode ser nominalizado por meio do sufixo *-tyhy*. O resultado é um nome genérico de objeto:

ũ-pule-tyhy-gy kanga

1-assar-nom-CL.CIR peixe

‘meu assado peixe’

ũ-pule-tyhy-gy agaty

1-assar-NOM-CL.CIR jacu

‘meu assado jacu’

ũ-pule-tyhy-gy kajy

1-assar- NOM -CL.CIR

‘meu assado macaco’

ũ-pule-tyhy-gy hikutaha

1-assar- NOM -CL. CIR tracajá

‘meu assado tracajá’

ũ-pule-tyhy-gy uãgiti (matrinchã)

1-assar- NOM -CL.CIR

‘meu assado matrinchã’

ũ-pule-tyhy-gy aná  
 1-assar- NOM -CL.CIR milho  
 ‘meu milho assado’

ũ-pule-tyhy-gy egenagi  
 1-assar- NOM -CL.CIR paca  
 ‘meu assado paca’

u-nkaty-tsy-gy kanga  
 1-fritar- NOM-CL.CIR peixe  
 ‘meu peixe frito’

u-nkaty-tsy-gy uãgiti  
 1-fritar- NOM-CL.CIR matrinchã  
 ‘meu Matrinchã frito’

u-nkaty-tsy-gy egenagi  
 1-fritar- NOM-CL.CIR paca  
 ‘minha paca frita’

u-nkaty-tsy-gy kajy  
 1-fritar- NOM-CL.CIR macaco  
 ‘meu macaco frito’

u-nkaty-tsy-gy agaty  
 1-fritar- NOM-CL.CIR jacu  
 ‘meu jacu frito’

u-nkaty-tsy-gy-CL.CIR ataha  
 1-fritar- NOM pombo  
 ‘meu pombo frito’

u-nkaty-tsy-gy sahandu

1-fritar- NOM-CL.CIR tucunaré

‘meu tucunaré frito’

u-ngilante-py-gy kanga

1-cozinhar-nom-CL.CIR peixe

‘meu peixe cozido’

u-ngilante-py-gy intse

1-cozinhar-nom-CL.CIR pequi

‘meu pequi cozido’

u-ngilante-py-gy kakaga

1-cozinhar-nom-CL.CIR frango

‘meu frango cozido’

u-ngilante-py-gy angisa

1-cozinhar-nom-CL.CIR batata

‘meu batata cozido’

u-ngilante-py-gy aná

1-cozinhar-nom-CL.CIR milho

‘meu milho cozido’

u-ngilante-py-gy kumanaĩ

1-cozinhar-nom-CL.CIR feijão

‘meu feijão cozido’

u-ngilante-py-gy topu

1-cozinhar-nom-CL.CIR abóbora

‘meu abóbora cozido’

u-nhgilante-py-gy sahandu

1-cozinhar-nom-CL.CIR tucunaré

‘meu tucunaré cozido’

Nesta dissertação mencionamos várias vezes que apenas nomes possuídos recebiam classificadores. Acrescentamos aqui que os nomes classificadores genéricos, na qualidade de nomes possuídos, também recebem classificadores, mas a associação a uma classe semântica de forma, consistência, dimensão é relativa à natureza do nome genérico. Assim, o nome genérico ‘coisa chupada’, combina-se com o classificador –gy ‘circunscrito’, o nome genérico *ngiko* ‘coisa’, combina-se com o classificador –gu ‘arqueado’, já os nomes genéricos obtidos por meio de nominalização de objeto recebem o classificador –gy ‘circunscrito’, por se tratar de porção delimitada. Por outro lado, o nome genérico mingau, combina-se com o classificador –gu ‘arqueado’, como os líquidos servidos em cuia.

u-ngitsy-gy manga

1-chupado-CL.CIR manga

‘minha manga’

u-ngitsy-gy laranja

1-chupado-CL.CIR laranja

‘minha laranja’

u-ngitsy-gy katuga

1-chupado-CL.CIR mangaba

‘minha mangaba’

u-engiko-gu hyge

1-coisa-CL.ARQ flecha

‘minha coisa flecha’

u-engiko-gu tênis

1-coisa-CL.ARQ tênis

‘minha coisa tênis’

u-nkaty-tsy-gy kanga

1-fritar- NOM-CL.CIR peixe

‘meu peixe frito’

u-nkaty-tsy-gy uãgiti

1-fritar- NOM-CL.CIR matrinchã

‘meu Matrinchã frito’

u-nkaty-tsy-gy egenagi

1-fritar- NOM-CL.CIR paca

‘minha paca frita’

### 3.2 Algumas considerações finais

Os dados apresentados até aqui são indicadores de que os sufixos que estabelecem relações possessivas são também elementos classificadores dos referentes dos nomes, de acordo com suas respectivas formas ‘circulares, circunscritas, redondas’, ‘finas e ou sinuosas’, ‘como pelos, cabelos e fibrosos’, e de suas formas e funções, como ‘invólucros, coberturas, proteções’, entre outros. Embora este estudo ainda deva ser aprofundado, fica claro que há indicações suficientes para a existência de motivações semânticas e funcionais para a inclusão dos referentes dos nomes em classes, assim como para a ideia de que há dois sistemas constituintes de dois sistemas de classificação de referentes de nomes em Nafukuá-Kalapálo.

Santos (2007) analisa as formas cognatas dos classificadores Nafukuá-Kalapálo em Kuikuro como sendo meros classificadores de relações de dependência (posse) e os considera como marcadores de classes morfológicas, como ilustrado no quadro a seguir, extraído de Santos (2007, p. 103):

Quadro 14 – Classes Morfológicas Flexionais do Nome:

<b>CLI – Ø</b>	<b>CLII -sü</b>	<b>CLIII -lü</b>	<b>CLIV –tsü</b>	<b>CLV -gü (-gu)<sup>37</sup></b>
<b>u-ihü</b> meu corpo	<b>u-ana-sü</b> meu milho	<b>u-ahukugu-lü</b> minha panela	<b>u-gimi-tsü</b> minha coroa	<b>u-agitü-gü</b> minha testa
<b>u-hügi</b> meu pênis	<b>u-aki-sü</b> minha palavra	<b>u-inhagü-lü</b> meu ralador	<b>u-agipi-tsü</b> minha sobancelha	<b>u-ahaga-gü</b> meu abacaxi
<b>u-ingantsu</b> minha irmã	<b>u-indi-sü</b> minha filha	<b>u-isatagu-lü</b> meu cesto	<b>u-hügakumi-tsü</b> minha tornozeleira	<b>u-agisu-gu</b> minha bolsa
<b>u-ahulu-gu</b> minha porta				

Santos (2007:204-205) justifica essa análise com o argumento de que as classes abrigam nomes de diferentes campos semânticos:

“(i) Em todas as Classes encontramos nomes de variados domínios semânticos:

Na CLI não temos apenas termos de parentesco e de partes do corpo:

405. is-ajo uge-i  
3-namorado 1D -COP  
“eu sou namorado dela”

406. u-otu hekite h-ekugu  
1-comida boa AFF-verdade  
“a minha comida é mesmo boa”

CLII: nesta classe podemos ter nomes de diferentes campos semânticos:

407. u-hi-sü  
1-irmão mais novo-REL  
“meu irmão mais novo”

408. u-igoti-sü  
1-dia-REL  
“meu dia” (medida de tempo)

Na CLIII, não há somente nomes de artefatos:

409. taho hehugu-lü  
faca grande-REL  
“facão” (lit. o grande da faca)

CLIV: nesta classe, há também nomes de vários campos semânticos:

410. üne oin-tsü  
 casa embira-REL  
 “embira da casa”

CLV: esta classe, assim como as outras, agrupa nomes de diferentes campos semânticos:

411. ku-ngongo-gu  
 12-terra-REL  
 “nossa terra” 205

412. i-kanga-gü (>itsangagü)  
 3-peixe -REL  
 “peixe dele”

(ii) Raízes homófonas oferecem um belo exemplo da lógica puramente morfológica da distribuição dos morfemas flexionais nominais. Tomemos o caso do domínio semântico de termos de parentesco:

413. u-hi-gü  
 1-neto-REL  
 “meu neto”

414. u-hi-tsü  
 1-espoa-REL  
 “minha esposa”

415. u-hi-sü  
 1-irmão mais novo-REL  
 “meu irmão mais novo”

Na abordagem teórica usada por Santos para a análise da morfologia Kuikúro, a Morfologia distribuída, esses morfemas são interpretados como realizações de um só morfema, “o morfema Relacional (REL)”, o qual, segundo a autora (*ibidem* p. 205) “tem apenas um único traço [relação de dependência] e cinco expoentes fonológicos que competem para serem inseridos num único morfema funcional.”<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Segundo Santos (2007, p.205) “Os Itens Vocabulares (IV) do morfema (REL) serão subespecificados para cada contexto de inserção, ou seja cada IV dos marcadores de relação de dependência terá uma lista de radicais nominais definindo sua inserção. Vejamos, abaixo, os IV e seus contextos de inserção:

REL - Ø / [Lista...]

REL sü / [Lista...]

REL lü / [Lista...]

REL tsü / [Lista..]

REL gü ~ gu / [Lista....] 206

Na nossa análise da língua Nafukuá-Kalapálo, existem dois sistemas de classificadores bem definidos, um constituído de classificadores nominais, cuja ocorrência se restringe a construções possessivas, e um constituído de classificadores genéricos, ambos semanticamente motivados, mas que, por serem nomes relativos, recebem classificadores.<sup>9</sup>

E um dos fatos mais importantes acerca desses classificadores é o de que as classes são integradas por referentes que culturalmente são percebidos por suas características salientes, de fundamental importância no modo pelo qual os Nafukuá-Kalapálo vivenciam, veem e interpretam o mundo.

Para que se entenda porque a avó encontra-se na classe dos peludos, fibrosos, é necessário que se entenda as bases metafóricas e metonímicas dessa classificação, o que é tarefa fundamental para o que realiza a descrição de uma língua como o Nafukuá-Kalapálo. A analogia é um processo fundamental nessa classificação, sendo o que faz dos sistemas de classificação nominal do Nafukuá-Kalapálo sistemas de classificação de referentes dos nomes, culturalmente motivado.

É interessante notar que em outras línguas Karíb, nomes possuídos recebem um sufixo que têm sido chamado de sufixo de posse por Pachêco (2001) com respeito ao Ikpéng, por Meira (1999), com respeito ao Tirió, por Hawkins (1962), com respeito ao Waiwai, entre outras línguas Karíb (cf. GILDEA, 1988; DERBISHIRE, 1999). Mas para nenhuma delas foram descritas motivações semânticas precisas para a distribuição dos nomes com esses sufixos. Aventamos, em Cabral, Uraan Suruí, Nafukuá-Kalapálo e Soares (2014), a hipótese de que em Nafukuá-Kalapálo o desenvolvimento de um sistema classificatório dessa natureza esteja relacionado com o sistema de classificação nominal descrito para a língua Mehináku por Mori ( ) e Mehináko (2014). Nas duas línguas os classificadores se restringem a construções possessivas e compartilham bases semânticas similares.

---

Assim, para a autora, “a alomorfa do marcador Relacional faz referência ao radical nominal no seu contexto de inserção.”

<sup>9</sup> Essa questão é discutida em Cabral, Kaman Nahukua, Uraan-Suruí e Makaulaka Mehinaku (2014).

### 3.3 OS CLASSIFICADORES NAFUKUÁ-KALAPÁLO E A TIPOLOGIA LINGUÍSTICA

Grinevald e Seifart (2004, p.192) apresentam uma tipologia de sistemas de classificação nominal baseado em Craig (2000, 2002), que distingue três sistemas básicos: lexical (termos de classe e termos de medida), lexico-grammatical (classificadores) e gramatical classes nominais/gênero), com sistemas intermediários, em termos de gramaticalização. Exemplos de Sistemas classificadores dados pelos autores são:

#### (13) Noun classifiers

Jakaltek-Popti' (Mayan; Craig 1986: 264)

xil sawnaj xuwan no7 lab'a  
saw cl John CL snake  
'(man) John saw the (animal) snake'

#### (14) Numeral classifiers

Ponapean (Micronesian; Rehg 1981: 130)

a. pwihk riemen  
pig two.CL(ANIMATE)  
'two pigs'

b. tuhke rioapwoat  
tree two.CL(LONG)  
'two trees'

#### (15) Genitive classifiers

Ponapean (Micronesian; Rehg 1981: 184)

a. kene-i mwenge  
CL-GEN.1 food  
'my(edible) food'

b. were-i pwoht  
CL-GEN.1 boat  
'my(transport) boat'

O Nafukuá-Kalapálo possui um conjunto de palavras que correspondem ao que na literatura tem sido chamado de classificadores genitivos, aqui os chamados de nomes

classificadores genéricos. Há também um conjunto de classificadores que marcam nomes em construções possessivas. Classificam referentes de nomes quando à forma, textura, dimensão. Chamamos aqui esse classificadores do Nafukuá-Kalapálo de classificadores possessivos, mas pela simples razão de os mesmos ocorrerem em construções possessivas.

## CAPÍTULO 4 – SUFIXOS ADVERBIAIS

Neste capítulo, fazemos uma breve descrição dos sufixos que contribuem com noções adverbiais locativas, instrumentivas e de companhia, em Nafukuá-Kalapálo. Trata-se de um tema a ser aprofundado posteriormente.

Identificamos até o presente 10 desses morfemas, mas acreditamos haver mais. Exemplificaremos cada um desses morfemas, em seguida, e tecemos alguns comentários sobre eles.

Apresentamos também breve referência aos demonstrativos Nafukua-Kalapálo.

### Locativos

Quando o referente de um nome serve de local, há que se distinguir se se trata de um referente contínuo, de grandes proporções ou se se trata de referentes delimitados. Assim, líquidos, são percebidos como contínuos, de forma que se combina com um morfema locativo especial, que é *-kua*:

ánte      kohóngo      túã-kuá  
 aqui      pato      água-LC.LIQ  
 ‘aqui (a) arara dentro da água (dentro de líquido)’

ánte agya      tilísinhy-kuá  
 aqui mosca      mingau- LC.LIQ  
 ‘aqui mosca dentro do mingau’

Quando se trata de referente que corresponde a um local pontual, o sufixo é *-ata*, *-sata*

ngyne-ata      u-itsa  
 casa-LP      1-estar  
 ‘eu estou na casa’

ehu-ata      u-itsa  
 canoa- LP      1-estar  
 ‘eu estou na canoa’

Canarana-te u-itsa  
 Nome próp.- LP 1-estar  
 Eu estou em Canarana

Brasília-te u-itsa  
 Brasília- LP 1-estar  
 ‘eu estou em Brasília’

Ypavute u-itsa  
 Ypavu- LP 1-estar  
 ‘eu estou em Ypavu’

O morfema alativo *-na* marca localidades de grandes dimensões:

u-te-ly Brasília-na  
 1-ir-AL Brasília-para  
 ‘eu vou para Brasília’

u-te-ly Ypavu-na  
 1-ir-AL Ypavu-para  
 ‘eu vou para Ypavu’

u-te-ly kanarana-na  
 1-ir-AL nom.próp-para  
 ‘eu vou para Canarana’

kanarana-na tongo-pe-ine u-e-nygy  
 Canarana- LP lá-ex-ABL 1-vir-pont  
 ‘eu vim de Canarana’

gipaki gele u-e-na-lü LALLI-na  
 sempre ainda 1vir-hab-aspec.PONT n.próprio-LP  
 ‘sempre eu venho para o LALLI’

gipaki gele u-te-lü-i-ngo UnB-na  
 sempre ainda 1-ir-aspec.pont-proj n. próprio-LP  
 ‘eu sempre irei para a UnB’

Quando o referente é local delimitado como casa, o morfema é *-ti*

u-te-ly y-nga-ti  
 1-ir-PONT 1-casa-AL.2  
 ‘eu vou para a casa’

Já o alativo para locais contínuos é *-kua* ‘LC.LIQ’ combinado com *-ti* ‘AL’

agüa e-tekei-lü tilisinhü-kua-ti  
 mosca 3-cair-aspec.PONT mingau- LC.LIQ- AL.2  
 ‘mosca caiu no mingau’

u-tekei-lü tuã kua-ti  
 1-cair-aspec. PONT água LC.LIQ- AL.2  
 ‘eu caí na água’

u-angahe-gu tuã kua-ti  
 1-pular-cl água LC.LIQ- AL.2  
 ‘eu pulei na água’

pagapaga Ø-angahe-gu tuã kua-ti  
 sapo 3-pular-CL água LC.LIQ- AL.2  
 ‘sapo pulou na água’

Quando se trata de uma companhia o sufixo é *-ke*

u-ake e-inhymi-ngo  
 1-ass 2-estar-PROJ  
 Você vai estar comigo

u-ake e-itsa  
 1- PROJ 2-estar  
 Você está junto de mim

a-ke u-te-lü  
 2- PROJ 1-ir-aspec.pont  
 eu vou com você

u-te-lü i-ke  
 1-ir-perf 3- ASS  
 eu vou com ele

Quando o referente de um nome é um instrumento, o morfema é *-ki*

aheĩ-jy u-heke kuihi-ki  
 Costurar-perf 1-ERG Agulha-INSTR  
 ‘eu costuro com a agulha’

Ø-ihungu Ø-itsake-nygy u-heke taho-ki  
 3- Carne cortar-perf 1-ERG Faca- INSTR  
 ‘eu corto a carne com a faca’

aheĩ-jy u-heke kuihi-ki  
 costurar-perf 1-ERG Agulha- INSTR  
 ‘eu costuro com a agulha’

Ø-itsake-nügü u-heke taho-ki  
 cortar- ??? 1-ERG faca- INSTR  
 ‘eu corto com a faca’

Quando o referente de um nome é o local de onde se afasta, o morfema é *–ine*

y-ng-a-ly-pe-ine u-eny-gy  
 1- casa-? -RETR-ABL 1-vir-PERF  
 ‘eu vim da casa’

Quando o referente de um nome é a orientação, o morfema é *–kae* ‘perlativo’

aña-kae u-te-ly  
 caminho- PERL 1-ir-PERF  
 ‘eu vou pelo caminho’

tuã-kae u-te-lü  
 rio/água-PERL 1-ir-aspec.PONT  
 ‘eu vou pelo rio’

Quando o referente de um nome é um recipiente ou receptor, o morfema é *–inha*:

tu-nygy e-inha u-heke  
 Dar-perf 2-para 1-ERG  
 ‘eu dou para você’

tu-nygy ø-inha u-heke  
 dar-? 3 -Para 1-ERG  
 ‘eu dou para ele (um peixe)’

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo apresentamos uma descrição básica dos nomes em Nafukuá-Kalapálo. Nosso objetivo principal foi o de investigar a estrutura interna dos nomes, como são formados e quais os seus elementos constituintes. Procuramos identificar quais os critérios que lastreiam a subdivisão dos nomes em classes e subclasses. Reunimos várias evidências de que a formação dos nomes em Nafukuá-Kalapálo espelha o modo como os seus falantes veem os referentes dos nomes no mundo, preenchendo o espaço com formas, consistências dimensões, funções sociais, individualmente e em conjunto, classificando-os de acordo com as características salientes que têm significado para os falantes dessa língua.

Ao abordarmos os nomes, fizemos algumas considerações sobre os morfemas locativos que se associam aos nomes quando estes funcionam como locais. Mostramos que o Nafukuá-Kalapálo distingue locais contínuos de locais delimitados, circunscritos, uma distinção marcada por sufixos locativos especiais.

Esperamos aprofundar este estudo em futuro próximo e incluí-lo no projeto de gramática de referência da língua Nafukuá-Kalapálo que pretendemos realizar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, A. S. A. C.; KALAPALO, K.; MEHINAKO, M.; OLIVEIRA, S. S. C., SURUÍ, U. et. al. 2014. Classificadores Nominais em três línguas Indígenas da Amazônia Brasileira. *Ampliando Tipologias*. In RBLA v.6, n.1, p. 165-193.
- GILDEA, S. 1998. *On reconstructing grammar: comparative Cariban morphosyntax*. Oxford: Oxford University Press.
- DERBYSIDRE, D.C. 1999. Carib. In: R M. W. Dixon & A. Y. Aikhenvald (orgs). *The Amazonian languages*, 23-64. Cambridge: Cambridge University Press.
- FRANCHETTO, B. A Ergatividade Kuikúro (Karibe): Algumas Propostas de Análise. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos* 18. IEL/UNICAMP. p. 57-78. Campinas, jan/jun 1990.
- \_\_\_\_\_. Processos Fonológicos em Kuikúro: uma Visão Auto-Segmental. In: *Estudos Fonológicos das Línguas Indígenas Brasileiras*. Leo Wetzels (org). Editora UFRJ, Rio de Janeiro. p. 53-84. 1995.
- GRINEVALD, Colette (2000). *A morphosyntactic typology of classifiers*. In Senft (ed.) 2000, 50–92.
- \_\_\_\_\_. (2002). Making sense of nominal classification systems: Noun classifiers and the grammaticalization variable. In Ilse Wischer & Gabriele Diewald (eds.), *New Reflections on Grammaticalization*, 259–275. Amsterdam: Benjamins.
- GRINEVALD, Colette ; SEIFAT, F. 2004. Noun classes in African and Amazonian languages. In *Linguistic Typology* 8:243–285.
- ISA. 2011. Povos Indígenas do Brasil: Matipu. Disponível em <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/matipu>>. Acesso em: 23 ago. 2014.
- MEIRA, S. 1999. *A grammar of Tiriyó*. Tese de Doutorado, Rice University.
- Hawkins (1962
- PACHECO, Frantomé Bezerra. **Aspectos da Gramática Ikpeng ( Karib )**. Orientador: Dr<sup>a</sup> Lucy Seki. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Curso Mestrado em Linguística. 1997. 146p.
- SANTOS, M. 2007. *Morfologia kuikuro: gerando nomes e verbos*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras. Doutorado em Linguística.
- CORBERA MORI, A. H. . Aspectos da morfofonologia e morfologia nominal da língua mehináku (Arawák). In: Bruna Franchetto (org.). (Org.). *Alto Xingu. Uma sociedade multilíngue..* Rio de Janeiro: Museu do Índio-FUNAI/MN/UFRJ, 2011, v. , p. 193-216.